



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

CARLIANE ALVES DA SILVA

**PAISAGEM EM FOCO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL NO
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM LUZIÂNIA-GO**

BRASÍLIA-DF

2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

CARLIANE ALVES DA SILVA

**PAISAGEM EM FOCO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL NO
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM LUZIÂNIA–GO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Gestão Territorial e Ambiental.

Linha de pesquisa: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional.

Eixos temáticos: Formação Escolar e Instrumentos Educacionais/Ensino e Aprendizagem em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria Costa Leite

BRASÍLIA–DF

2024

CARLIANE ALVES DA SILVA

**PAISAGEM EM FOCO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL NO
ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM LUZIÂNIA-GO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Defendida, Avaliada e Aprovada em 24/05/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Cristina Maria Costa Leite
GEA – UnB
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Regina de Souza Maniçoba
(Avaliadora externa)

Prof^ª. Dr^ª. Marília Luíza Peluso
(Avaliadora interna)

Prof. Dr. Erlando da Silva Reses
(Avaliador suplente)

Às pessoas que acreditaram no meu potencial:

Nélia, Laert e minhas tias.

*Aos meus queridos alunos, por quem procuro
melhorar a cada dia minha prática docente.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, tenho certeza que não seria nada sem a presença Dele em minha vida, nada acontece sem a Sua permissão. Agradeço por ter me dado forças nos momentos que fraquejei e por segurar a minha ansiedade em certos momentos.

À minha orientadora, por acreditar em mim, por me auxiliar e me mostrar os bons aspectos do mundo da pesquisa.

À Nélia, minha amiga, irmã, companheira de trabalho, que segurou as pontas com os planos de aulas, com a elaboração das atividades e me ajudou com as atividades da escola, estando sempre ao meu lado.

Ao Laert Muniz, por toda a paciência ao me ajudar, ler os meus trabalhos, aplaudir-me, apoiar-me, não me deixar desistir, ajudar-me a ensaiar para a qualificação e comemorar comigo a aprovação.

Ao João Valdisson e à Valesca, por me apoiarem e colaborarem com o meu trabalho.

Ao professor Roberto Trancoso, pelo café e o diálogo sobre o meu tema de pesquisa, pelas indicações de livros e por ajudar a entender sobre os métodos de pesquisa.

Ao professor Neio, pela paciência, pela sabedoria nas palavras e por mostrar os caminhos na pesquisa.

Ao professor Fernando, pelas conversas e orientações.

A todos os professores, pelo aceite em participar das bancas de qualificação e defesa.

À minha querida amiga Elaine, por contribuir com a primeira viagem para o meu primeiro congresso. A você, serei sempre grata.

À minha amiga Kamila, que, em uma conversa, falou não desista!

Ao meu grande amigo Fábio Silva, pelo incentivo, companheirismo, ajuda, parceria. Obrigada meu irmão! Nossas viagens têm que ser sempre juntos!

À minha amiga LÍlian, com quem dividia minhas aflições no início do mestrado e sempre com seu jeito meigo conseguia me acalmar, sou muito grata a você!

À minha irmã Anna Carla, que comemorou comigo quando fui aprovada no processo seletivo do mestrado, mesmo que ainda não tivesse noção que era.

Às minhas tias, que me criaram e, quando avisei que havia sido aprovada, uma delas disse que não sabia o que era o mestrado, mas se eu estava feliz, então ela também estava.

Ao Jorge Luiz, pela paciência em me atender e tirar todas as dúvidas de uma pessoa iniciante na pesquisa e ansiosa para aprender.

Ao meu pai Carlos, que talvez não soubesse sobre a importância de um livro para mim. De todas as vezes que pedi um livro e ele disse que não poderia naquele momento, o que me ensinou a buscar o que eu queria de outra forma. O “não” necessário para a aprendizagem e busca de alguém que almeja vencer e realizar o sonho tão almejado.

Aos meus alunos, pela ausência em alguns momentos e por quem procuro melhorar a minha prática docente.

Aos amigos, Lane, Betânia, Josélia, Neusimar, Tassiano, que torceram por mim de alguma maneira.

À minha grande companheira de quatro patas, Lilica, que esteve ao meu lado, que deitava aos meus pés quando eu estava escrevendo, esperando para poder levá-la para passear.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGEO/UnB.

E a todo(a)s aquele(a)s que participaram direta ou indiretamente da pesquisa, meu muito obrigada!

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

RESUMO

SILVA, Carliane Alves da. **PAISAGEM EM FOCO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO CONCEITUAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM LUZIÂNIA–GO.** 2024. 120 f. Dissertação (Mestrado) — Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

Este trabalho abordou a importância da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, com foco no ensino da paisagem. A pergunta de pesquisa que direcionou a investigação foi: como se dá a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia para alunos do 3º ano do ensino fundamental? O objetivo geral tratou de analisar como se dá a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia para alunos do 3º ano do ensino fundamental. O método é de abordagem qualitativa e envolveu a observação de três aulas de Geografia, uma entrevista semi-estruturada com o professor de uma turma do 3º ano do ensino fundamental, além de uma atividade coletiva, por meio de desenho, com 31 alunos dessa turma para explorar suas concepções sobre paisagem. Também foi realizada análise do currículo do 3º ano de Geografia do município de Luziânia–GO e do livro didático utilizado pelo professor em sala de aula. Como resultados, percebeu-se que o Currículo de Geografia do município de Luziânia e o livro didático não dialogam entre si. Em relação ao professor, as aulas são mais voltadas à realidade dos estudantes; em relação aos estudantes, poucos ainda têm o entendimento que são partes integrantes da paisagem. Para as próximas pesquisas, sugere-se que se faça a relação do ensino da paisagem num período maior de tempo, no objetivo de acompanhar o desenvolvimento do estudante por todo o ensino fundamental I, fundamental II e ensino médio.

Palavras-chave: Ensino da Paisagem; Anos Iniciais; Alfabetização Geográfica; Desenho. Paisagem.

ABSTRACT

SILVA, Carliane Alves da. **LANDSCAPE IN FOCUS: ANALYSIS OF CONCEPTUAL CONSTRUCTION IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY TO 3RD GRADE STUDENTS IN LUZIÂNIA-GO.** 2024. 120 f. Dissertation (Master's degree) — Department of Geography, Institute of Human Sciences of the University of Brasilia, Brasilia, 2024.

This work deals with the importance of Geography in the early years of elementary school, with a focus on the teaching of landscape. The research question that guided the investigation was: how is the concept of landscape constructed in Geography teaching for students in the third year of elementary school? The general objective was to analyze how the concept of landscape is constructed in Geography teaching for students in the third year of elementary school. The method took a qualitative approach and involved observing three Geography lessons, a semi-structured interview with the teacher of a 3rd year elementary school class, as well as a collective drawing activity with 31 students from this class to explore their conceptions of landscape. An analysis was also carried out of the 3rd grade Geography curriculum in the municipality of Luziânia-GO and of the textbook used by the teacher in the classroom. The results showed that the Geography Curriculum of the municipality of Luziânia and the textbook do not interact with each other. As far as the teacher is concerned, the lessons are more focused on the students' reality; as far as the students are concerned, few still understand that they are integral parts of the landscape. For future research, it is suggested that the teaching of landscape be related over a longer period of time, with the aim of monitoring student development throughout elementary school, secondary school and high school.

Keywords: Teaching Landscape; Early Years; Geographical literacy; Drawing. Landscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização da escola CMEB — Natália Aparecida Louzada Alves.....	25
Figura 2 – Planta do Município de Santa Luzia–1928	29
Figura 3 – Evolução territorial do Município de Luziânia–GO	31
Figura 4 – Praça Evangelino Meireles–1954.....	32
Figura 5 – Praça Evangelino Meireles–2016.....	33
Figura 6 – Igreja Nossa Senhora do Rosário–1986.....	34
Figura 7 – Igreja Nossa Senhora do Rosário–2023	34
Figura 8 – Vista Luziânia Igreja Matriz–1986	35
Figura 9 – Vista Luziânia Igreja Matriz–2023	35
Figura 10 – Avenida Comercial do Jardim Ingá (década de 1990).....	37
Figura 11 – Avenida comercial do Jardim Ingá–2022	37
Figura 12 – Origem e evolução do termo paisagem.....	40
Figura 13 – Visão de paisagem de Ana.....	76
Figura 14 – Visão de paisagem Júlia.....	76
Figura 15 – Visão de paisagem de Maria	77
Figura 16 – Visão de paisagem de Lucas	78
Figura 17 – Visão de paisagem do Guilherme	79
Figura 18 – Visão de paisagem do Davi.....	80
Figura 19 – Visão de paisagem do Enzo	81
Figura 20 – Visão de paisagem da Sofia	82
Figura 21 – Visão de paisagem da Laura	82
Figura 22 – Visão de paisagem da Alice	83
Figura 23 – Visão de paisagem da paisagem Bianca	84
Figura 24 – Visão de paisagem do Vinícius.....	85
Figura 25 – Visão de paisagem do Luiz	86
Figura 26 – Visão de paisagem de Pedro	87
Figura 27 – Visão de paisagem da Luiza	88
Figura 28 – Visão de paisagem do João	89
Figura 29 – Visão de paisagem da Laís.....	90
Figura 30 – Visão de paisagem do Victor	91
Figura 31 – Visão de paisagem do Antônio	92

Figura 32 – Visão de paisagem do Rafael	92
Figura 33 – Visão de paisagem José	93
Figura 34 – Visão de paisagem da Camila	94
Figura 35 – Visão de paisagem da Alana	95
Figura 36 – Visão de paisagem de Carlos	96
Figura 37 – Visão de paisagem do Alberto	97
Figura 38 – Visão de paisagem da Juliana	98
Figura 39 – Visão de paisagem da Luana.....	99
Figura 40 – Visão de paisagem do Isaque.....	100
Figura 41 – Visão de paisagem Moisés.....	101
Figura 42 – Visão de paisagem da Ester	102

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Entrada principal da escola	26
Fotografia 2 – Entrada principal com rampa de acesso e corrimão	27
Fotografia 3 – Entrada principal do Distrito do Jardim Ingá.....	36
Fotografia 4 – Feira do Jardim Ingá	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro de coerência	22
Quadro 2 – Resultado da Bibliometria	24
Quadro 3 – Conceitos de paisagem	44
Quadro 4 – Função do ensino de Geografia	45
Quadro 5 – Currículo em Contínio de Geografia (3º ano) de Luziânia–GO (2023)	51
Quadro 6 – Conteúdos do Livro Didático de Geografia “A Conquista” — 3º ano do ensino fundamental.....	55

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução Populacional de Luziânia–GO	30
Gráfico 2 – Visão de paisagem dos estudantes.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LZA	Luziânia
GE	Geografia
EF	Ensino Fundamental
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ARPDF	Arquivo Público do Distrito FederalFTD- Frère Théophile Durand
SIEG	Sistema Estadual de Geoinformação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 PERCURSO METODOLÓGICO: ESPACIALIZAÇÃO, OBJETO E DELINEAMENTO DA PESQUISA	21
1.1 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO	23
1.2 ESPACIALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	25
1.3 JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO	27
1.3.1 História e paisagem do município de luziânia–GO	28
1.3.2 Transformações paisagísticas de Luziânia–GO.....	32
1.4 O DISTRITO DO JARDIM INGÁ	36
2 REFERENCIAL TEÓRICO	39
2.1 O CONCEITO DE PAISAGEM	40
2.2 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE PAISAGEM	41
2.2.1 A noção de paisagem — da antiguidade ao século XX.....	41
2.3 CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA	43
2.4 O CONCEITO DE PAISAGEM NA ESCOLARIZAÇÃO	45
3 RESULTADOS	50
3.1 O CURRÍCULO CONTÍNUO DE GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA–GO E O LIVRO DIDÁTICO	50
3.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA	54
3.3 VISÃO DE PAISAGEM DO PROFESSOR.....	59
3.3.1 Síntese das aulas observadas	59
3.3.1.1 O primeiro encontro.....	59
3.3.1.2 O segundo encontro	61
3.3.1.3 O terceiro encontro	62
3.3.1.4 Síntese das aulas observadas	63
3.3.2 Análise da entrevista–professor	65
3.3.2.1 Categoria I — Concepção docente sobre ensino e aprendizagem de Geografia, Currículo	66
3.3.2.2 Categoria II — Conceito e ensino da paisagem	68
3.3.2.3 Categoria III — Consideração da paisagem de Luziânia ou de Brasília.....	70
3.3.2.4 Categoria IV — Formação inicial e continuada do professor	71

3.4 A CONCEPÇÃO DE PAISAGEM NA VISÃO DOS ESTUDANTES	72
3.4.1 O papel do desenho na aprendizagem da criança	73
3.4.2 A atividade coletiva com os estudantes.....	74
3.4.2.1 Paisagens naturais.....	75
3.4.2.2 Paisagens humanizadas referentes ao local de vivência do estudante	84
3.4.2.3 Paisagens humanizadas — outros lugares	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A — Roteiro para elaboração das observações em sala de aula.....	116
APÊNDICE B — Roteiro para a entrevista semi-estruturada	117

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, a relação do homem com a terra sempre foi observada e debatida. Nos tempos atuais ainda é questionada, pois há um permanente querer e curiosidade em conhecer e entender como é o funcionamento e como e porque ocorrem as transformações do espaço. Essas alterações, que formam as paisagens, evidenciam mudanças no meio e integram o cotidiano.

Na minha infância, uma das aulas mais marcantes foi quando a professora levou a turma para mostrar o cerrado, aquela vegetação, o porquê dos galhos serem tortos, aquele solo amarelo e mostrava o quão rico era o cerrado, mesmo aparentando estar seco. Naquela época não entendia as implicações sobre as transformações que ocorriam com o cerrado, tampouco com outros ambientes; não entendia que eu fazia parte daquele meio, e por isso a professora teve um papel fundamental, pois mostrou o que nos cercava e o nosso papel diante dessa interação como cidadãos. Nesse contexto, a partir da relação da sociedade e natureza, materializada nas paisagens, se insere a reflexão fundante desta pesquisa, referente ao pensamento geográfico e suas contribuições à formação cidadã na formação escolar.

Na Geografia, a análise do espaço geográfico ocorre por meio de categorias analíticas, sendo o Espaço a maior delas. Mas o Espaço também é objeto de estudo dessa ciência e como tal incorpora outras categorias, tais como território, paisagem, região e lugar. Essas são recortes do Espaço e essenciais ao entendimento e compreensão da relação sociedade-natureza.

Nesse sentido, a presente investigação pretende explorar o espaço em que estudantes estão inseridos: Distrito do Jardim Ingá, em Luziânia, município do Estado de Goiás, e região do entorno do Distrito Federal. A situação que será demonstrada tem como perspectiva a necessidade de inserção da realidade do estudante, aquela onde a paisagem corresponde ao seu mundo vivido e conhecido. Ao abordar o tema paisagem, os estudantes tendem a apresentar a localidade onde residem como referência, ou a localidade mais próxima, quando essa é considerada superior em *status*, no que se refere à apresentação, modernidade, ilustração em publicações e ao movimento.

No presente momento, o material didático, adotado em uma escola daquela localidade (Jardim Ingá) apresenta o uso do conceito de paisagem na perspectiva de que essa seja conhecida dos alunos, seu lugar. Assim, tal material convida o estudante para rever sua localidade, a pensar no ambiente em que está inserido e observar as necessidades

que sua comunidade possui. Apesar disso, esse material ainda evidencia uma total dissintonia em relação à realidade dos alunos.

O motivo de ter escolhido o município goiano de Luziânia se deu pela diversidade cultural e patrimonial do local, com finalidade de que o estudante reflita, entenda seu papel como cidadão em uma cidade histórica, reconhecendo e compreendendo a sua paisagem como um processo histórico. Outro motivo é que a cidade de Luziânia corresponde ao meu local de trabalho como professora, que percebe a necessidade de melhorias no ensino da Geografia nos anos iniciais daquela localidade.

A paisagem é parte integrante do espaço construído e vivido socialmente e sua presença no cotidiano e na vivência do estudante possibilita sua integração no conteúdo escolar (PANIZZA, 2014). Assim, ao

[...] integrar esse conceito desde o Ensino Fundamental I, o aluno é incentivado a ampliar sua visão e sua percepção do espaço que o envolve e, progressivamente, estabelecer comparações e conexões em diferentes lugares”. (PANIZZA, 2014, p. 42)

Desse modo, o aluno aprende a observar e analisar o que está em sua volta ou em lugares distantes.

No que se refere aos anos iniciais, a paisagem integra todos os conteúdos formais e tem a possibilidade de ser trabalhada de diversas formas. Porém, para isso, é fundamental que o professor entenda a importância desse conceito para a construção do conhecimento geográfico dos estudantes. Nessa perspectiva insere-se a pergunta de partida desta pesquisa: como se dá a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia para alunos do 3º ano do ensino fundamental?

A paisagem pode ser definida de diversas formas em diferentes áreas do conhecimento. Na geografia, existem várias definições referentes ao tema e, para isso, autores como Berque (1984), Ab'sáber (2003), Cavalcanti (2016), Carlos (2005), Moraes (2005), Santos (2006a), Besse (2014) e Santos (2022) serão utilizados nesta investigação. Santos (2022) define a paisagem como tudo aquilo que vemos e Ab'Saber (2003, p. 9), a considera como “herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades”.

No propósito de se alcançar o pensamento geográfico do estudante, o ensino da paisagem tem papel fundamental nesse processo, pois o seu conceito está além de ver uma imagem. Desse modo, o aluno deve aprender que a paisagem é resultado de

processos históricos, sofre transformações a todo momento e tem o homem como parte dessa composição. Fazer a leitura da paisagem requer do estudante observação, pensamento crítico e, principalmente, entender que ele está inserido na paisagem. Para isso, no ensino da paisagem, é necessária a percepção

[...] que trabalhe tanto as relações socioculturais da paisagem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre eles estabelecidas na constituição de um espaço: o espaço geográfico (BRASIL, 1997, p. 74).

A partir desse raciocínio, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como se dá a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia para alunos do 3º ano do ensino fundamental. Os objetivos específicos são: sistematizar as concepções teóricas referentes ao conceito de paisagem estabelecidas por autores da Geografia; analisar como o Currículo em Contínuo do município de Luziânia–GO e o livro didático tratam o tema paisagem; analisar como o professor trabalha o conceito de paisagem em suas aulas; analisar a concepção de paisagem dos alunos.

A hipótese de trabalho que orienta essa pesquisa é que o modo pelo qual o conceito de paisagem é trabalhado nas aulas de Geografia são insuficientes à construção do pensamento geográfico dos estudantes. A paisagem é determinante à construção do conhecimento geográfico por crianças, desde que bem trabalhada. Nos anos iniciais do Ensino fundamental, a BNCC afirma que é necessário trazer conceitos e fatos para que a criança entenda sobre a dinâmica do meio físico, social, político e cultural (BRASIL, 2018).

No 3º ano do ensino fundamental são trabalhados os conceitos de paisagem e suas relações com o ambiente. De acordo com os PCNs:

[...] a Geografia tem que trabalhar com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais que são característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição. (BRASIL, 1997, p. 74)

Para a análise da paisagem deve-se enfatizar as dinâmicas de suas transformações e não a descrição e o estudo de um mundo estático (BRASIL, 1997).

O ensino de Geografia nos anos iniciais é fundamental ao desenvolvimento de atitudes e responsabilidades da criança, além da sua interação com o meio em que vive e da sua relação com o todo. Ser professora possibilita a visão de que a aprendizagem seja significativa ao estudante. Nesse sentido, o professor deverá garantir que os conteúdos estudados estejam de acordo com a vivência do estudante, que considerem suas

experiências. Nessa perspectiva, esta pesquisa auxiliará na melhoria da minha prática profissional, de formação de crianças em Geografia, por compreender que essa ciência é basilar à compreensão do mundo e, em consequência, à formação de mentalidades e atitudes condizentes ao mundo atual.

O trabalho foi estruturado em três seções: I. Percurso metodológico, descrevendo a abordagem qualitativa adotada e os métodos utilizados na pesquisa; II. Revisão bibliográfica sobre ensino e paisagem nos anos iniciais do ensino fundamental, apresentando conceitos teóricos relevantes; III. Indicação dos resultados da pesquisa por meio da análise do currículo de Geografia de Luziânia–GO e do livro didático adotado, destacando como o tema paisagem é abordado; o perfil e prática de ensino do professor, com ênfase em como ele trabalha o conceito de paisagem em suas aulas e da análise da atividade coletiva realizada com as crianças, explorando suas concepções sobre paisagem, por meio de desenhos.

1 PERCURSO METODOLÓGICO: ESPACIALIZAÇÃO, OBJETO E DELINEAMENTO DA PESQUISA

Para compreender os processos de ensino e aprendizagem no ensino da paisagem na turma do 3º ano do ensino fundamental, fez-se necessária a produção de dados empíricos que permitam conduzir a investigação para uma resposta esclarecedora. Assim, este trabalho teve uma abordagem qualitativa, pois este tipo de pesquisa permitirá ter uma visão mais ampla sobre o fenômeno analisado, como afirma Mascarenhas (2018, p. 47): “[...] utilizamos a abordagem qualitativa quando queremos descrever nosso objeto de estudo com mais profundidade”.

Dessa forma, para alcançar o objetivo geral desta pesquisa, foi feita uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de paisagem na Geografia. De acordo com Mascarenhas (2018, p. 50), “[...] este tipo de investigação concentra-se na análise de livros, artigos, dicionários e enciclopédias [...] oferecendo uma quantidade impressionante de informações”. Como é um tema voltado para a educação, também realizou-se uma pesquisa documental, que é muito parecida com a bibliográfica, porém ela busca documentos que registram informações sobre o que será estudado. Nesse contexto se inserem os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo em Contínuo de Luziânia–GO.

Posteriormente à pesquisa bibliográfica, houve a produção de dados empíricos com dois sujeitos: o professor regente da turma de 3º ano, bem como seus alunos (as crianças). Assim, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com o docente do 3º ano do ensino fundamental — anos iniciais — a fim de identificar sua compreensão e uso do conceito de paisagem. Utilizou-se da entrevista, pois este é um momento de encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional (MARCONI; LAKATOS, 2002). Mascarenhas (2018) complementa que “ao preparar a entrevista o pesquisador deve ter bastante clareza de qual é seu objetivo [...] e escolher um entrevistado que seja familiarizado com o assunto” (p. 72).

Para identificar a compreensão que os discentes têm sobre paisagem foi proposta a realização de uma atividade de desenho e pintura, pois as crianças ainda estão na fase de alfabetização, e, por meio do desenho, poderão representar a paisagem cotidiana, sua própria realidade e o seu local de vivência. Assim, o desenho nessa fase é:

[...] uma mistura da representação formal com a representação esquemática; os desenhos são ainda «desenhos-esquemas», mas neles detetam-se já os primórdios da verdadeira representação e semelhança com a realidade. (VIGOTSKI, 2012, p. 128)

Assim, de acordo com Padilha (1990), o desenho é considerado um objeto de conhecimento similar a outros, sendo, portanto, sujeito à mesma dinâmica de interação entre sujeito e objeto que caracteriza todo o processo de aquisição de conhecimento, resultando em modificações constantes e mútuas de ambos.

Para descrever a prática de ensino sobre paisagem, foram realizadas observações de três aulas de Geografia na turma selecionada para a realização da pesquisa. A “observação possibilita um contato pessoal estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26). Assim, será possível entender como se dá esse processo de ensino e aprendizagem da paisagem. A observação foi de forma não participante, pois o intuito é não interferir e nem se envolver com as situações do objeto de estudo, mas ser um espectador com uma observação consciente e com procedimento de caráter ordenado (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Após a produção das informações empíricas, foram realizados movimentos para sua análise: transcrição das falas gravadas e posterior sistematização em quadros, por critérios pré-definidos; seleção e sistematização dos desenhos em quadros; sistematização das observações em quadros. Considera-se que, assim,

[..] o pesquisador dispõe de todas as informações necessárias à conclusão de seu trabalho, a partir da análise dos dados produzidos, a suposição de pesquisará terá(ão) sido verificada(s) e a resposta ao Problema de Pesquisa foi obtida. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 112)

A análise foi feita através de leitura minuciosa dos dados obtidos.

Quadro 1 – Quadro de coerência

QUADRO DA PESQUISA	
Título: O ENSINO DA PAISAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Tema: Paisagem	
QUESTÃO OU PROBLEMA DE PESQUISA	
Como se dá a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia para alunos do 3º ano do ensino fundamental?	

HIPÓTESE DE TRABALHO		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ O conceito de paisagem trabalhado nas aulas de Geografia é insuficiente à construção do pensamento geográfico dos estudantes; ✓ Paisagem como objeto estático; ✓ Visão romantizada de paisagem. 		
OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS/TÉCNICA DE PESQUISA/INSTRUMENTOS
Analisar como se dá a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia, para alunos do 3º ano do ensino fundamental.	Sistematizar as concepções teóricas referentes ao conceito de paisagem estabelecidos por autores da Geografia; Analisar como o Currículo Contínuo do município de Luziânia-GO e o livro didático tratam o tema paisagem;	Pesquisa bibliográfica: BTD, periódicos CAPES, Base Scielo, Scopus 2012-2022 – Pesquisa documental: BNCC, BNCC-GO, PCNs
	Analisar a concepção de paisagem dos alunos;	Atividade coletiva com os estudantes; Atividade antes e depois de conceituar Paisagem (desenho e pintura)
	Analisar como o professor trabalha o conceito de paisagem em suas aulas.	Observação; Entrevista semi-estruturada com o professor.

Elaborado pela autora (2023)

1.1 ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

A Bibliometria tem sido utilizada com maior frequência pelos pesquisadores nos últimos anos. Os primeiros dados do uso da bibliometria são da década de 1930, mas foi consagrada por Pritchard, em 1969, que utilizou esta técnica com desenvolvimento de padrões e modelos matemáticos e estatísticos para processos de metrologia de dados (RIBEIRO, 2018). É um tipo de estudo que tem por base aspectos quantitativos de pesquisa. Através da bibliometria é possível destacar alguma lacuna no campo da pesquisa. De acordo com Vanti (2002), a bibliometria favorece na identificação de tendências e no crescimento de determinada área, além de prever as possibilidades de futuras publicações e estudar a dispersão e o que pode se tornar obsoleto na literatura científica.

A utilização da bibliometria nesta pesquisa se fez necessário para buscar trabalhos publicados nos bancos de dados, em certo período de tempo, e que estavam relacionados ao ensino da paisagem no ensino fundamental e médio. Na busca por trabalhos foram utilizados três bases de dados: Periódicos da Capes, Scielo e Banco de Teses e Dissertações — BTB. O recorte temporal foi do período de 2012 a 2022. (Quadro 5).

Quadro 2 – Resultado da Bibliometria

Ensino da Paisagem nos anos iniciais do ensino fundamental						
Expressão: Ensino da paisagem						
Período de publicação	Quantidade	Geografia: Anos iniciais/ EF	Geografia: Anos finais/ EF	Geografia: Anos iniciais e anos finais	Geografia: Ensino médio	Outras áreas
PERIÓDICO CAPES						
2012-2022	440	14	24	09	28	365
SCIELO						
2012- 2022	06	01	01	00	00	04
BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES						
2012-2022	375	10	36	02	03	314

Fonte: elaborado pela autora (2023)

De acordo com os resultados, observa-se que, do total de trabalhos publicados, apenas 14 estavam relacionados ao ensino da paisagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Periódico da CAPES, 1 no Banco de dados da SCIELO e 10 no Banco de Teses e Dissertações — BTB. A expressão utilizada foi ensino da paisagem e o total de trabalhos encontrados foram 821; destes, apenas 25 estavam relacionados ao ensino da paisagem nos anos iniciais. Vale ressaltar que, ao utilizar expressões como ensino da paisagem nos anos iniciais, ensino da paisagem nos anos finais ou no ensino médio, ocorre a divergência de resultados, isso porque há artigos e/ou trabalhos publicados que estão duplicados, ou o título não condiz com o trabalho em si.

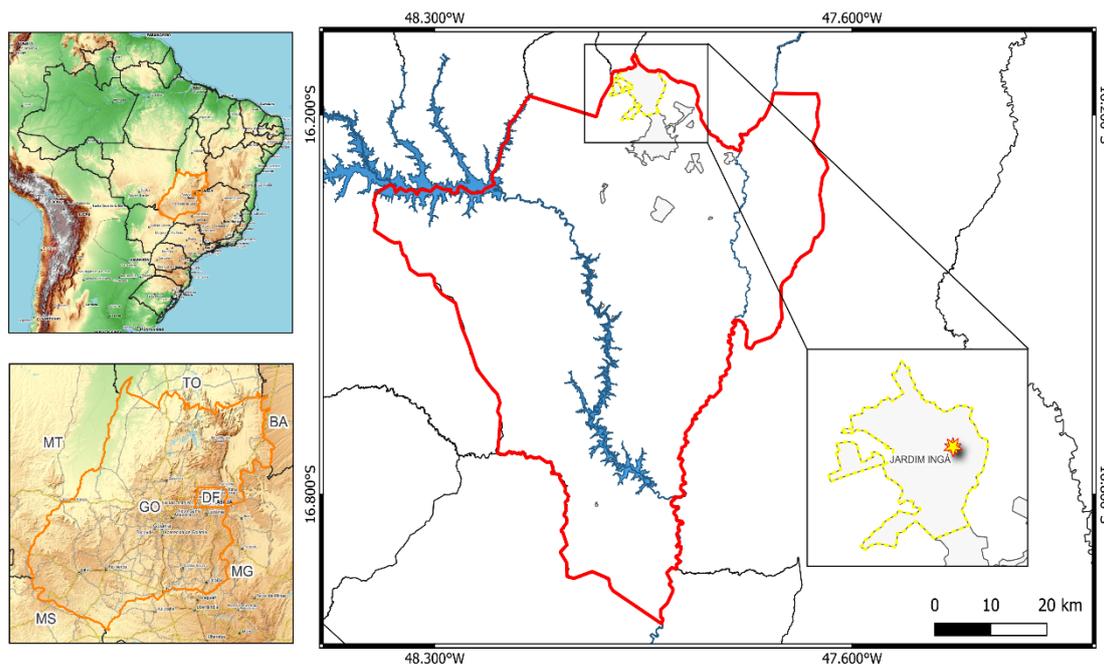
Por meio da análise bibliométrica, foi possível observar a baixa quantidade de trabalhos publicados em relação ao ensino da paisagem no âmbito da Geografia escolar, principalmente nos anos iniciais. Para Freire (2011), é importante que a escola consiga

desenvolver o ensino fazendo diálogo com a pesquisa. As universidades e as escolas ou secretarias devem desenvolver ou buscar dialogar sobre as lacunas existentes na área educacional.

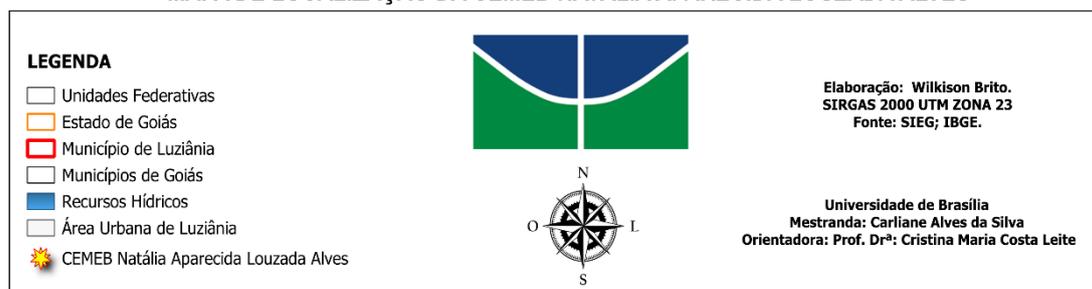
1.2 ESPACIALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, foi selecionada uma turma de 3º ano do ensino fundamental, de uma escola localizada no Distrito do Jardim Ingá, bairro Mingone II, em Luziânia–GO, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 – Mapa de localização da escola CMEB — Natália Aparecida Louzada Alves



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA CEMEB NATÁLIA APARECIDA LOUZADA ALVES



Fonte: SIEG, IBGE (2023)

A escola pesquisada foi fundada no ano de 1978, funcionava em uma casa no bairro do Parque Mingone II e em 1991 foi ampliada com mais 6 salas. Atualmente, a unidade escolar (Fotografia 1) conta com 12 salas de aula, sendo 10 do ensino fundamental, 2 salas dos professores, 1 sala de vídeo, 1 cozinha, 1 banheiro masculino e 1 feminino, 1 banheiro para os servidores, 2 banheiros internos nas salas de supervisão e secretaria, 4 depósitos, 1 sala de supervisão, 1 secretaria. Sua estrutura conta, ainda, com rampas de acesso e corrimão (Fotografia 2). Apesar de ter uma quadra, ela é pouco utilizada pelos professores e estudantes, visto que também é aberta à comunidade.

Fotografia 1 – Entrada principal da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023

Fotografia 2 – Entrada principal com rampa de acesso e corrimão



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

A unidade escolar está localizada no centro urbano, atende um total de 642 alunos, sendo desde do 1º ao 5º ano, Inclusão e turmas da Educação de Jovens e Adultos–EJA no período noturno.

A Escola atende aos alunos dos bairros Mingone II, Jardim Marília, Umuarama, Setor de Chácaras e outras regiões do Jardim Ingá, onde há uma ampla diversidade social e econômica.

1.3 JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO OBJETO DE ESTUDO

A escolha por uma turma de 3º ano dos anos iniciais se deu pela experiência de trabalho em uma classe no ano de 2021, período de pandemia que exigiu que os conteúdos e atividades fossem ofertados por aulas remotas. Além disso, os conteúdos para turmas de 3º ano do ensino fundamental são norteados pelo ensino da paisagem, desde os conceitos até às transformações no ambiente causados pela ação antrópica e pelas ações naturais. No ano de 2023, o livro didático está totalmente pautado nas transformações e formações das paisagens. Assim, numa turma de 3º ano, será possível estabelecer o entendimento do professor e dos alunos sobre paisagem e como se dá o processo de ensino-aprendizagem.

1.3.1 História e paisagem do município de luziânia–GO

Luziânia é um município goiano fundado em 1746 pelo paulista Antônio Bueno de Azevedo, que saiu do município mineiro de Piracatu (atualmente Paracatu) rumo ao Noroeste. Encontrou o Rio São Bartolomeu, nome dado por ele para homenagear o dia que era santo (IBGE, 1958). Naquele mesmo período, Antônio Bueno e os amigos que o acompanhavam decidiram continuar a caminhada para o oeste e fixaram residência em lugar ao qual nomeara de Santa Luzia, que em pouco tempo já contava com mais de 10.000 moradores (IBGE, 1958).

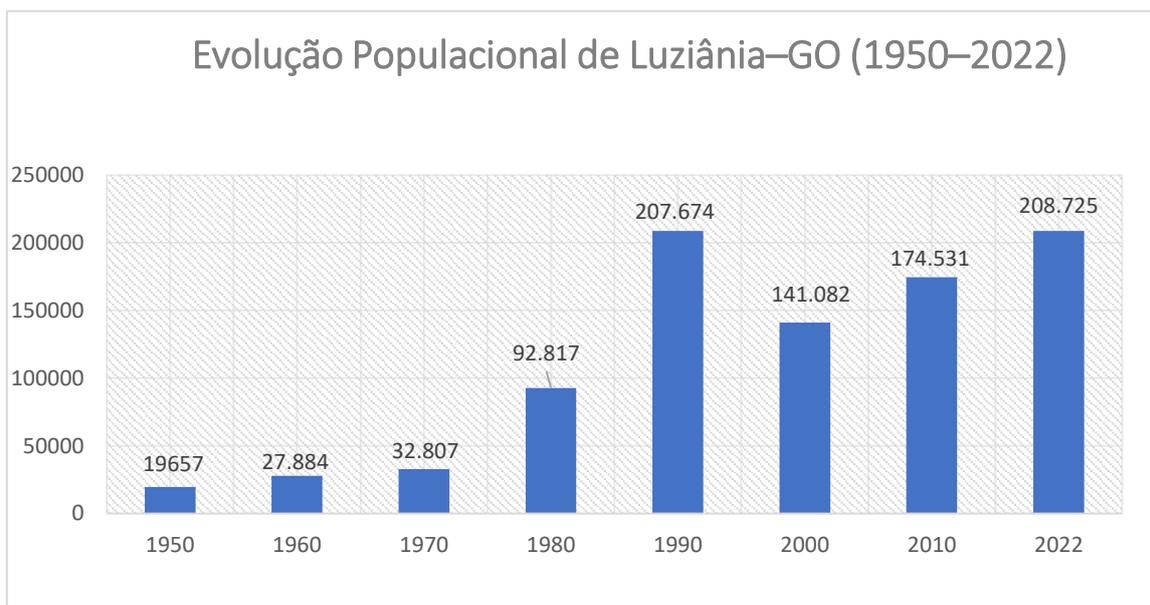
O crescimento repentino da cidade se deu por causa do ouro e dos metais existentes na região. A mineração findou-se no final do século XVIII e muitas famílias mudaram o rumo da produção para a criação de gado. A vila Santa Luzia fazia parte da comarca de Vila Boa de Goiás, depois foi transferida para a Comarca de Corumbá de Goiás e, finalmente em 1943, passou a ser chamada de Luziânia (IBGE, 1958) (Figura 2).

Figura 2 – Planta do Município de Santa Luzia–1928



Fonte: ARPDF (2023)

Segundo o Arquivo Público do Distrito Federal (ARPDF, 2023), no ano de 1928 foi publicado o mapa do Município de Santa Luzia (Figura 2), elaborado por uma planta do município goiano com informações colhidas entre 1920 e 1925. Nesta planta era possível observar as demarcações para a nova Capital Federal. A cidade de Luziânia estava em crescimento e, com a construção de Brasília na década de 1960, se desenvolveu e atualmente está com mais de 200.000 habitantes (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Evolução Populacional de Luziânia–GO

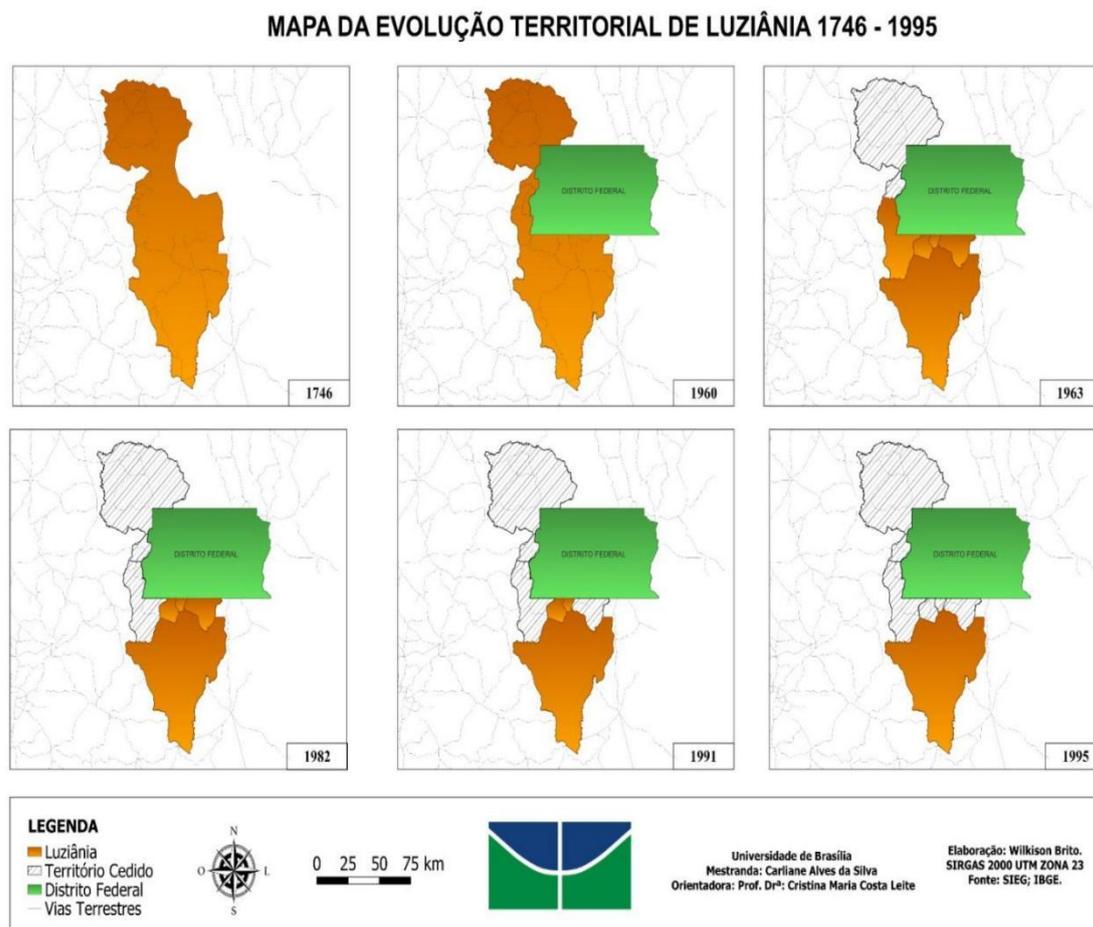
Fonte: IBGE (2023). Elaborado pela autora

O aumento populacional trouxe ao município grandes transformações na sua paisagem, inclusive diminuição no seu território (Figura 3). Em analogia à paisagem urbana entende-se que:

A paisagem urbana é, portanto, a materialização das complexas relações entre sociedade, natureza, política e economia construídas no tempo-espaço da cidade. Ou seja, essa paisagem é produto dos conflitos gerados por essas inter-relações, ao mesmo tempo em que é produto, também reproduz novas contradições. (ORTIGOZA, 2012, p. 55)

Em síntese, a Figura 3 refere-se às transformações no território do Município de Luziânia–GO:

Figura 3 – Evolução territorial do Município de Luziânia–GO



Fonte: SIEG, IBGE (2023)

A paisagem carrega intencionalidades e, em relação à cidade, Carlos (2005) ressalta que a paisagem é reveladora de incompatibilidades e contradições próprias ao processo de produção do espaço, mais dinâmica e diversa. Ao observar a Figura 3, nota-se que a transformação da paisagem foi causada pelo uso do espaço pelo homem, criada por histórias e vivências. Ao trazer o conceito de paisagem para a sala de aula, vale ressaltar a importância de enfatizar as transformações locais, relativas ao lugar do estudante. Para compreender a paisagem é necessária a observação e a descrição, pois “pela paisagem, podemos decodificar as relações entre sociedade e natureza, materializada no espaço, o que nos ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos” (ORTIZOGA, 2012, p. 54). Para Castellar e Vilhena (2022), ao estudar a cidade local, o estudante pode ir além de descrever a paisagem, pois precisa entender que a cidade tem várias dimensões e arranjos diferentes.

O município de Luziânia é repleto de histórias que merecem ser trazidas para a sala de aula por revelarem questões culturais, processo de expansão da cidade e integração à Área Metropolitana de Brasília–AMB. Para Santos (1996), é na cidade que há movimentos e essa movimentação permite aos homens ensinar as diferenças e reconhecer as desigualdades para outros homens e para o mundo concreto. Em suma, a cidade de Luziânia apresenta elementos que contribuem para o ensino da paisagem, seja rural ou urbana, sendo possível assim relacionar diferentes aspectos do espaço geográfico.

1.3.2 Transformações paisagísticas de Luziânia–GO

As transformações paisagísticas de uma cidade estão diretamente ligadas às mudanças que ocorreram e que são perceptíveis no meio urbano. Essas transformações podem ter sido influenciadas por diversos fatores. Para Lefebvre (2001), é importante reconsiderar além da história da cidade, deve-se buscar compreender seu processo de urbanização, os elementos que a compõem como a agricultura, a indústria, os poderes políticos e assim por diante. Com esse processo a cidade vai criando a sua identidade, suas características comuns e específicas (CALLAI; OLIVEIRA; DEON, 2021). Dessa forma:

[...] a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra em condições históricas. As condições que simultaneamente permitem e limitam as possibilidades, não são suficientes para explicar aquilo que nasce delas, nelas, através delas. (LEFEBVRE, 2001, p. 52)

A cidade de Luziânia traz em sua paisagem essa história produzida e que se transformou ao longo dos anos que, assim como outras cidades, possui “diferentes formas e funções, mas elas não são naturais, e sim produzidas pelos sujeitos que ali viveram/vivem e a partir de suas experiências singulares” (CALLAI; OLIVEIRA; DEON, 2021, p. 181). As Figuras 4 e 5 mostram os processos históricos revelados em 1954 e 2022, na Praça Evangelino Meireles, no centro da cidade.

Figura 4 – Praça Evangelino Meireles–1954



Fonte: IBGE (2023)

Figura 5 – Praça Evangelino Meireles–2016



Fonte: Ong de Luziânia... (2016)

As transformações paisagísticas de uma cidade desempenham significativamente um papel importante na construção da identidade ou na formação cultural e patrimonial em determinado lugar. Para Santos (2006b), a evolução social produz tanto formas físicas quanto abstratas. Porém, em certo ponto, as abstratas se materializam em formas geográficas. Essas formas geográficas se tornam parte das condições de ação, são meios pelos quais vivemos — e o comportamento humano, eventualmente, precisa levar em consideração esses meios de vida. Um exemplo é a questão cultural, em que a religião e as festas religiosas são consideradas paisagens, paisagem cultural. Luziânia ainda mantém tradição de algumas festas católicas, como Procissão do Fogaréu e a Festa do Divino. Dois pontos marcantes para os encontros dessas tradições são as igrejas — a mais antiga

da cidade é a Igreja do Rosário, Figuras 6 e 7, que já passou por processos de restaurações para manter a forma original de quando foi fundada em 1769.

Figura 6 – Igreja Nossa Senhora do Rosário–1986



Fonte: IBGE (2023)

Figura 7 – Igreja Nossa Senhora do Rosário–2023



Fonte: Reismateus (2023)

O município de Luziânia carrega mudanças e processos, definidos por Lefebvre (2001) como a socialização da sociedade, ou seja, é um processo no qual as relações e as práticas sociais se tornam cada vez mais extensas e ocorrem em toda a sociedade. Desse modo, é um conceito que está profundamente associado à produção do espaço social. Assim, as interações sociais que aconteceram em Luziânia construíram a identidade e autonomia do município. Nas Figuras 8 e 9 nota-se um processo de interação urbana, ocorrido entre 1986 até 2023.

Figura 8 – Vista Luziânia Igreja Matriz–1986



Fonte: Grupo Luziânia: A história

Figura 9 – Vista Luziânia Igreja Matriz–2023



Fonte: Perto da Capital... (s.d.)

Nas transformações ocorridas no município de Luziânia–GO, observa-se que a cidade, até meados dos anos 1990, possuía características coloniais, fruto do seu processo de colonização. Essas mudanças nas paisagens podem ser trazidas para a realidade do estudante, para serem desenvolvidos os conceitos em sala de aula, já que:

[...] a criança adquire grande quantidade de conceitos a partir da observação direta, através de suas experiências, dentro e fora da escola. Temos muitos conceitos espontâneos já desenvolvidos, que nem mesmo sabemos como e quando foram construídos, por exemplo: nuvem, céu, rio, montanha, etc. Alguns dependem, em grande parte, do lugar em que vivemos. A criança do meio urbano terá mais facilidade em construir conceitos relacionados com a paisagem antrópica (artificial) que é seu ambiente (shopping, estacionamento, engarrafamento etc.). (FONSECA, 2010, p. 88)

Em suma, a construção de conceitos e leitura da paisagem estão além de uma imagem, estão em transformações, histórias e heranças. Observar uma cidade parece vazio, pois “os objetos, as construções, [...] podem ser frios e objetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores, e de sentimentos. Portanto ler a paisagem exige critérios a serem considerados e seguidos” (CALLAI, 2005, p. 238). Essa conclusão também é dada por Castellar e Vilhena (2022), que propõem a leitura da paisagem parte da realidade do estudante.

1.4 O DISTRITO DO JARDIM INGÁ

Segundo o IBGE, os Distritos consistem em unidades administrativas internas ao município. As Constituições estaduais podem disciplinar a criação dos distritos, adicionando critérios de criação, alteração ou supressão. Nesse sentido, eles passam a ser cadastrados no banco de dados do IBGE: as unidades que possuem representação cartográfica e que são encaminhadas à instituição pelo poder público municipal (BRITTO, 2023).

Nesse contexto, em 13 de novembro de 2000, foi criado o Distrito (Fotografia 3) do Jardim Ingá, às margens da BR 040, integrante do município de Luziânia, localizado no Estado de Goiás e oficializado pelo Decreto nº 2350/2000. Contudo, a história relata sua existência desde 13 de agosto de 1960, com uma área geográfica de 30,67 Km². As moradias inicialmente eram barracos de madeira, que apareceram ao longo da Br. Atualmente, o Distrito conta com 38 bairros, a maioria das casas são de alvenaria.

Fotografia 3 – Entrada principal do Distrito do Jardim Ingá



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

Entre 1960 até 2018, mais de 53.132 pessoas migraram para o Distrito do Jardim Ingá: “A parcela ainda maior da população do Jardim Ingá é natural de outras Unidades da Federação (75,57%), que não o estado de Goiás, dos quais 29,83% se originam do DF, seguido dos estados do Maranhão (9,94%), Bahia (7,98%), e Piauí (6,14%)” (CODEPLAN, 2021, p. 25). As pessoas vieram/vêm para acompanhar familiares; outro motivo é porque adquiriram casa própria ou por procura de trabalho (CODEPLAN, 2021). As avenidas já possuem alguns prédios, como nota-se na Figura 10, mas na sua grande maioria são compostas por casas edificadas que servem de residências e comércios.

Figura 10 – Avenida Comercial do Jardim Ingá (década de 1990)



Fonte: Jornal Democrático (2023)

O comércio local e de serviço é amplo e abrange muitas áreas, como nota-se pela Figura 11, porém não absorve toda a mão de obra do Distrito e parte da população se desloca para o centro de Luziânia ou para as cidades do Distrito Federal para trabalhar. Dessa forma:

[...] grande parte da população ocupada do Jardim Ingá trabalha no próprio município (47,44%). Por outra lado, importante parcela trabalha no DF (43,64%), mais significativamente na RA do Plano Piloto (27,93%). Em seguida, aparecem as RAs de Taguatinga (2,48%), SIA (2,15%), Santa Maria (1,65%), e Gama (1,49%). Importante frisar que significativa parcela da população ocupada do Jardim Ingá (8,10%) procura outros municípios da PMB para trabalhar. (CODEPLAN, 2021, p. 49)

Figura 11 – Avenida comercial do Jardim Ingá–2022



Fonte: Rosangela (2022)

Em consonância ao trabalho, os moradores do Distrito também procuram as Regiões Administrativas do DF para buscar serviços de assistência à saúde. Dados da Secretaria de Saúde do DF mostram que quase metade dos atendimentos realizados nos hospitais regionais de Santa Maria e do Gama são a moradores dos municípios do entorno, principalmente Luziânia, Novo Gama e Valparaíso, e este número tem aumentado com o passar dos anos (MARTINS, 2019). Em média, 14.891 dos atendimentos feitos entre 2017 e 2018 foram a moradores do Distrito do Jardim Ingá (CODEPLAN, 2021).

A infraestrutura do Distrito ainda está em fase de progresso, a paisagem é urbana, de ruas que precisam de asfalto de boa qualidade. De acordo com a CODEPLAN (2021), cerca de 92,57% (19.897) dos domicílios estão ligados à rede de abastecimento de água, no entanto, apenas 4,02% das residências estão ligadas à rede de esgoto. O restante das residências, ou seja, cerca de 97% utilizam as fossas sépticas e o esgoto corre a céu aberto, o que gera frustrações à comunidade, além disso, pode acarretar algumas doenças. A coleta de lixo é periódica, no entanto, ainda falta consciência das pessoas para que o lixo seja alocado no local correto, pois, “foi detectado que apenas 0,80% (173) dos domicílios descartam seus resíduos em locais impróprios, e 0,40% (86) dá outro destino ao lixo” (CODEPLAN, 2021, p. 66).

O Distrito ainda é novo e passa por muitas transformações, tem potencial e cultura própria, como a própria feira do Jardim Ingá (Fotografia 4) que é ponto marcante aos finais de semana das pessoas. A feira transmite uma paisagem que aguça todos os sentidos.

Fotografia 4 – Feira do Jardim Ingá



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023)

Assim, pode-se dizer que o Distrito do Jardim Ingá é um lugar, definido por Lefebvre (2001, p. 62), como a “projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre um lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento que determina a cidade e o urbano”.

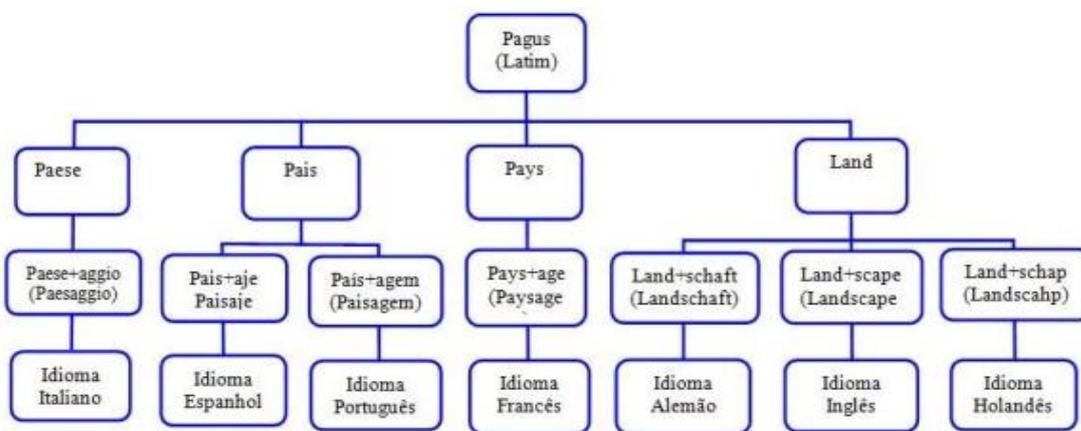
O Distrito possui suas histórias, suas lutas e suas buscas. Alguns aspectos precisam ser melhorados como a cultura e o esporte, pois falta investimento nestas áreas: “os espaços para práticas esportivas (24,90%) e culturais (9,84%) são poucos. Também são baixos os percentuais de ruas arborizadas (18,07%), Jardins, parques e praças (8,23%) e Ciclovia (4,82%)” (CODEPLAN, 2021, p. 70). Não resta dúvida que melhorou muito desde quando começou a história do Distrito, mas algumas coisas ainda precisam de algum tempo para serem alcançadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CONCEITO DE PAISAGEM

O termo paisagem está presente na Geografia desde sua categorização, como ciência, por volta do século XIX, sendo um conceito central nessa área, pois permite a compreensão do mundo ao seu redor. Para Barbosa e Gonçalves (2014), a variedade de interpretações sobre a paisagem é decorrente da evolução semântica e linguística do prefixo inicial, que se diferenciou de acordo com o idioma, e o sufixo adicionado. As autoras apresentam um esquema da evolução do termo, conforme Figura 12.

Figura 12 – Origem e evolução do termo paisagem



Fonte: Barbosa e Gonçalves (2014, p. 94)

Observa-se que o termo origina do Latim *Pagus* que significa país e deste termo primitivo derivam-se outros prefixos como “*paese, país, pays e land*, onde as três primeiras possuem o mesmo significado (país) e sentido do termo original, que se refere a uma porção do espaço geográfico, a uma região geográfica, um território” (BARBOSA; GONÇALVES, 2014, p. 93). Já o quarto termo, *land*, quer dizer terra, mas seu sentido é igual ao utilizado aos outros termos. De acordo com Carvalho, Cavicchioli e Cunha (2012 *apud* FERREIRA; SIMÕES, 1990), desde a origem da ideia de paisagem, a percepção é que está diretamente ligada à questão espacial em conjunto do território. Além disso:

[...] uma das preocupações presentes desde os primórdios da humanidade era a distribuição dos fenômenos e os deslocamentos humanos pelo território, que resultaram nos primeiros esboços gráficos de representação da paisagem (CARVALHO; CAVICCHIOLI; CUNHA, 2012, p. 311 *apud* FERREIRA; SIMÕES, 1990, p. 29–30)

Em termos estruturais a palavra paisagem geralmente é associada a, pelo menos, três significados diferentes: como o arranjo fisionômico das características biofísicas e humanas de uma determinada área; como a extensão de um terreno perceptível a partir de um lugar determinado; ou como a percepção subjetiva e sua representação por meio de um quadro ou fotografia, significando um cenário ou uma cena (BARBOSA; GONÇALVES, 2014). Na língua portuguesa a categoria paisagem ganha significados e refere-se ao "espaço ou extensão de território que se capta num lance de vista, ou simplesmente, é o visível" (CARVALHO; CAVICCHIOLI; CUNHA, 2012, p. 311 *apud* FERREIRA; SIMÕES, 1990). Assim, surgiram os significados de paisagem na Geografia, pois a paisagem está relacionada ao sentido de relação ao meio, ao concreto, ao real, à descrição das formas, à percepção, ao ambiente e à relação do ser com o meio.

2.2 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE PAISAGEM

A compreensão da paisagem é essencial para a Geografia, assim como para outras áreas de estudo relacionadas ao espaço terrestre. Isso porque, ao longo da história, o conceito de paisagem passou por transformações expressivas, pois, a depender do momento, trazia reflexões sobre mudanças científicas, sociais e culturais.

As grandes transformações que marcaram os períodos na história da humanidade, também contribuíram para a elaboração e desenvolvimento do conceito de paisagem. Esta, foi sendo moldada juntamente com as mudanças vivenciadas pelas diferentes sociedades, constituindo-se em territórios com significados peculiares de cada época, nos quais refletia-se na cultura (arte, ciência, literatura, etc.) momento do cotidiano dos lugares e dos diversos campos do conhecimento humano (CARVALHO; CAVICCHIOLI; CUNHA, 2012, p. 310 *apud* FERREIRA; SIMÕES, 1990).

Dessa forma, o conceito de paisagem, como o próprio termo representa, se transformou e continua se transformando de acordo com o que representa para cada sociedade.

2.2.1 A noção de paisagem — da antiguidade ao século XX

A percepção de paisagem está presente na memória humana mesmo antes da definição do seu conceito (MAXIMIANO, 2004). É uma concepção das mais complexas que existem na história humana, pois desde a antiguidade é tema que gera reflexão para as mais diversas áreas do conhecimento. Essa afirmação também é trazida por Melo (2001, p. 29) que relata que “o conceito de paisagem é um dos mais antigos da geografia, a ponto de, nas abordagens mais remotas, os geógrafos afirmarem ser a geografia a ‘ciência das paisagens’”. Sendo assim, observa-se que a concepção ou a “elaboração de um conceito de paisagem ocorreu ao longo de muito tempo, começando a se manifestar mais claramente a partir das observações de pintores, artistas e poetas, tanto do Oriente quanto no Ocidente” (MAXIMIANO, 2004, p. 83).

Na antiguidade, durante a Idade Média, a paisagem estava efetivamente associada à religião ou tinha uma visão simbólica do mundo. Carvalho, Cavicchioli e Cunha (2012 *apud* FERREIRA; SIMÕES, 1990) evidenciam que a paisagem nesta época era retratada principalmente por meio de pinturas que evidenciavam as partes do corpo humano, exceto o tronco e, além disso, apareciam figuras que representavam os animais, considerados sagrados naquele período, como cães, gatos e cobras. Ainda de acordo com os autores, cada império deixou um legado que produziu elementos que foram incorporados à concepção de paisagem. Um exemplo disso é dado por Maximiano (2004), que relata a relação dos povos da Mesopotâmia com a paisagem, no qual se evidenciava “o aproveitamento do regime de cheias dos rios, na observação do céu e estrelas, na construção de jardins ou na elaboração de leis e conhecimento agrícola” (MAXIMIANO, 2004, p. 84). Já na estrutura social da sociedade egípcia

[...] a sucessão hierárquica de poder se refletia nas criações culturais, expressando ideias, valores, e especialmente, a visão que o faraó e os sacerdotes religiosos tinham da vida e do mundo. Uma de suas grandes expressões, que marcou a paisagem na época que ocorreu na arquitetura e nas artes. (CARVALHO; CAVICCHIOLI; CUNHA, 2012, p. 342 *apud* FERREIRA; SIMÕES, 1990).

Os egípcios foram grandes colaboradores para a construção dos conceitos e noções sobre a paisagem e um grande marco foi a invenção da escrita hieroglífica que, composta de por pequenas figuras, representavam as coisas (CARVALHO; CAVICCHIOLI; CUNHA, 2012 *apud* FERREIRA; SIMÕES, 1990).

Em Roma, o que evidenciou o conceito de paisagem, de acordo com Maximiano (2004), foi a grande quantidade de construções arquitetônicas que prevalecia sobre a vegetação ou os animais. Carvalho, Cavicchioli e Cunha (2012 *apud* FERREIRA;

SIMÕES, 1990) também enfatizam que, além das construções, outro destaque da cultura romana foi dada ao campo militar, na administração pública, sobretudo no Direito; foram responsáveis pela organização na hierarquia da igreja Católica e da língua romana — o latim — que a partir dela originou outras línguas, como as europeias e a língua portuguesa.

2.3 CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA

A paisagem está em todo o lugar, se transformando a todo momento. Ela pode ser vista e sentida, pode ser algo concreto e abstrato. Para Panizza (2014), a paisagem só existe sob o olhar do homem, pois é através da visão que os homens enxergam a realidade. Considera-se leitura e conceitos de paisagens dentro de diversos campos do saber, como a Geografia, Biologia, História entre outras.

No campo da Geografia, Besse (2014, p. 65) afirma que para muitos geógrafos:

[...] o ponto de partida para a análise geográfica seria, sem dúvida, o seguinte: mesmo sendo a paisagem uma dimensão do visível, essa paisagem é o resultado, o efeito, ainda indireto complexo, de uma produção. A paisagem é um produto objetivo do qual a percepção humana só capta, de início, o aspecto exterior.

Santos (2022) afirma que “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. [...] Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (p. 67), ou seja, tudo o que está no cotidiano do ser humano é paisagem. Essa ideia é reforçada por Panizza (2014) ao enfatizar que “a paisagem é entendida como um suporte da relação homem-natureza e sua análise baseia-se na observação, na identificação, na comparação e na classificação” (p. 25).

Essa percepção tem caráter da escola francesa que valoriza os processos históricos do homem com a natureza e nos processos naturais. Assim, entende-se que paisagem é um elemento que resulta da forma como as pessoas olham para o ambiente e para o espaço em que se inserem, das questões que frequentemente se põem sobre o significado da sua presença e ocupação deste espaço. A paisagem não é a mesma sempre, “é um resultado de adições e subtrações sucessivas” (SANTOS, 2022, p.73). Desse modo o conceito dado à paisagem contempla o tamanho da percepção e alcança os sentidos, sendo assim, não é somente algo que pode ser visto (FARIAS, 2019).

Na abordagem francesa “paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a deciptar, num esforço de interpretação que é o

esforço de conhecimento, e que vai além da fruição e da emoção” (BESSE, 2014, p. 64). Para a abordagem alemã, a paisagem é tratada de forma naturalista, com ênfase na natureza. Esse legado foi herdado por Alexander Von Humboldt, um dos precursores da geografia. Mas, conforme Maximiano (2004, p. 87):

Entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana. Tanto a escola alemã, como a francesa, que influenciaram a geografia brasileira, dão ênfase a aspectos diferentes da paisagem.

Em suma, o Quadro 3 sistematiza a visão de alguns autores sobre o conceito de paisagem.

Quadro 3 – Conceitos de paisagem

Autor	Concepção de paisagem
BERQUE (1984, p. 33)	“A paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação — isto é, da cultura — que canalizam, um certo sentido, a relação de uma sociedade com espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno”.
AB´SÁBER (2003, p. 9)	“A paisagem é sempre uma herança. Na verdade, trata-se de uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que os herdaram historicamente como território de ação de suas comunidades”.
CAVALCANTI, (2016, n.p.)	“é um conjunto de objetos de diferentes idades, é um patrimônio de muitos momentos; não é dado para sempre, é objeto de mudança, é resultado de sucessivas adições e subtrações, é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas; não mostra todos os dados, nem sempre visíveis, a paisagem é um palimpsesto, um mosaico”.
CARLOS (2005, p. 43)	“A paisagem é uma forma histórica específica que se explica através da sociedade que a produz, num produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão”.
MORAES (2005, p. 15)	“a paisagem manifesta a historicidade do

	desenvolvimento humano, associando objetos fixados ao solo e geneticamente datados”.
BESSE (2014, p. 66)	“a paisagem é o produto das interações, das combinações entre um conjunto de condições e de restrições naturais (geológicas, morfológicas, botânicas etc.) e um conjunto de realidades humanas, econômicas, sociais e culturais”.
SANTOS (2006b, p. 134)	“representação de formas, de conteúdos, de espaços, de lugar, sempre como mediadora da relação do homem com o meio em que vive e observa”.
PANIZZA (2014, p. 42)	“A paisagem é uma parte integrante desse espaço construído e vivido socialmente e, assim, não possui somente atributos físicos”.
SANTOS (2022, p. 67)	“Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”.

Elaborado pela autora (2023)

Esta pesquisa se apropriará dos conceitos utilizados por SANTOS (2022), visto que é uma referência significativa à Geografia brasileira.

2.4 O CONCEITO DE PAISAGEM NA ESCOLARIZAÇÃO

A educação geográfica está além de passar os conteúdos, de transmitir significados e siglas. Ela visa a compreensão do mundo pelo estudante, uma forma de entender o papel de cada um na sociedade. Assim, o ensino da Geografia tem a função de buscar compreender a relação do homem e da sociedade com a natureza. Dessa forma, o “ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva” (BRASIL, 1997, p 74). O Quadro 4 apresenta, a partir de Silva (2022), as funções do ensino da Geografia na visão de autores que abordam a temática

Quadro 4 – Função do ensino de Geografia

Autor	Funções do ensino de geografia
CALLAI (2005; 2014)	O papel da Geografia Escolar é levar o aluno a fazer análise geográfica do mundo,

	<p>que significa dar conta de estudar, analisar, compreender o mundo com o olhar espacial;</p> <p>O conteúdo da Geografia é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Esse conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa uma consciência espacial das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo.</p>
CASTELLAR (2011)	<p>Para a Geografia Escolar é fundamental possibilitar ao aluno uma aprendizagem no sentido da consciência geográfica, entendendo a localização dos lugares e fenômenos e, a partir disso, podendo raciocinar geograficamente, compreendendo a ordenação territorial, a espacialidade e/ou territorialidade dos fenômenos, a escala social de análise.</p>
ASCENÇÃO; VALADÃO (2014)	<p>A finalidade e função social da Geografia concentra-se no desenvolvimento, junto aos alunos do nível básico de ensino, da capacidade de apreensão dos eventos, cotidianos ou não, a partir das organizações espaciais: a compreensão das espacialidades dos fenômenos.</p>
MOREIRA (2015)	<p>A Geografia é uma forma de leitura de mundo, pois mundo é espaço. A escola tem um papel importante no processo de desenvolver no aluno o olhar geográfico que permite analisar e/ou perceber um fenômeno em sua dimensão geográfica.</p>
DUARTE (2017)	<p>A Geografia, ministrada ao longo da Educação Básica, tem como principal propósito contribuir para a construção de uma perspectiva geográfica de análise da realidade, algo que poderíamos denominar como a busca pelo desenvolvimento de um certo tipo de raciocínio ou de pensamento que é marcadamente geográfico. Pensar geograficamente inclui pensar espacialmente.</p>
PALACIOS; CAVALCANTI (2017)	<p>La importancia de la Geografía para la vida de los estudiantes consiste en la aprehensión de la realidad desde el punto de vista de la espacialidad. Es decir, en la comprensión del papel del espacio en las prácticas sociales y de éstas en la configuración del espacio.</p>

PIRES (2017)	O papel da Geografia na escola não é ensinar conceitos, temas e conteúdos geográficos, mas torná-los objetos de conhecimento para os alunos desenvolverem um modo de pensar e investigar geográfico, que os possibilitem fazer uma leitura crítica e holística do mundo, compreender sua inserção e seu papel nesse mundo, e nele atuarem de maneira autônoma e consciente.
RICHTER (2018)	Nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) a responsabilidade da Geografia é contribuir para o desenvolvimento dos elementos e conceitos espaciais, desenvolvendo o pensamento espacial.
SILVA; FERNANDES (2019)	O papel da Geografia Escolar é sensibilizar os estudantes para que eles possam desenvolver o raciocínio geográfico, que, grosso modo, pode ser definido como a capacidade de conhecer, compreender e interpretar o espaço geográfico.
LEITE (2020)	Ensinar Geografia significa instrumentalizar o aluno à leitura de mundo. De um modo sintético, possibilita orientar à visão para além do visível e interpretar a realidade de modo integrado, com olhar crítico, a partir dos conceitos fornecidos por essa área do conhecimento.

Fonte: Silva (2022)

Para Callai (2011), o ensino da Geografia na educação básica se caracteriza pela possibilidade de que o estudante possa reconhecer sua própria identidade e o seu pertencimento ao mundo. Por muito tempo a Geografia escolar não buscava desenvolver o raciocínio geográfico e nem crítico dos estudantes, pois tinha uma tendência tradicional na qual o sentido era “valorizar o papel do homem como sujeito histórico, propunha-se, na análise da produção do espaço geográfico, estudar a relação homem-natureza sem priorizar as relações sociais” (BRASIL, 1997, p. 71). Porém, após a definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais — PCNs — no ano de 1997, houve uma mudança significativa no papel do ensino da Geografia e na consequente formação cidadã.

De acordo com os PCNs:

[...] a Geografia tem que trabalhar com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais que são característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e

dinâmica de sua constituição. Identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza é um de seus objetivos (BRASIL, 1997, p. 74).

Para a BNCC, a Geografia tem o papel fundamental de contribuir para o desenvolvimento e o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para que o estudante possa “representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza” (BRASIL, 2018, p. 356). Ao pensar no ensino da Geografia para estudantes dos anos iniciais tem-se “um papel específico [...], notadamente no que se refere à formação da identidade e da cidadania, pela possibilidade concreta de compreensão do lugar/espaço/mundo onde está inserido” (LEITE, 2012, p. 37). Assim, o ensino da Geografia nos anos iniciais visa que a criança conheça o mundo e se reconheça como cidadão atuante do espaço em que vive:

O período dos anos iniciais de escolarização corresponde àquele em que são construídos os conceitos básicos da área e que são fundamentais para a vida. Nesse sentido, são os conceitos sobre grupo/espaço/tempo que permitem responder as questões relativas à identidade (quem sou eu), ao reconhecimento da própria história (onde vivo), à identificação do espaço e às condições de produção material (como vivo), às condições de vida em sociedade e o pertencimento ao mundo (com quem vivo). (LEITE, 2012, p. 31)

Ao trazer o tema paisagem, observa-se que ela deve ser considerada como algo em permanente mudança, com transformações profundas e movimento contínuo. A paisagem definida aqui não é estática, ou simplesmente a paisagem definida como natural e modificada. Assim, a preocupação para o ensino da Geografia está voltada para “abranger os modos de produzir, de existir e de perceber os diferentes espaços geográficos; como os fenômenos que constituem as paisagens se relacionam com a vida que as anima” (BRASIL, 1997, p. 74). Além disso, outra preocupação para a educação geográfica é que o estudante consiga observar e perceber que o homem é o construtor do espaço geográfico e que a paisagem é uma transformação do espaço vivido.

Para a Base Nacional Comum Curricular – BNCC:

[...] o desenvolvimento da capacidade de observação e de compreensão dos componentes da paisagem contribui para a articulação do espaço vivido com o tempo vivido. O vivido é aqui considerado como espaço biográfico, que se relaciona com as experiências dos alunos em seus lugares de vivência (BRASIL, 2018, p. 351).

Desse modo, aprender a ler uma paisagem vai além de observar uma foto, a leitura da paisagem permite o conhecimento ao nosso redor e até mesmo de algo mais distante, estimulando o aluno a ser agente de sua própria formação (PANIZZA, 2014). Assim, no

ensino de Geografia para estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental deve-se desenvolver o conceito de paisagem de diversas maneiras, pois dessa forma é possível analisar a paisagem local, do bairro, da escola, da cidade, bem como também as paisagens regionais e globais. Para Callai (2005, p. 238):

[...] fazer a leitura da paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado, quer dizer, a história das pessoas que ali vivem. O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali.

A autora evidencia que a paisagem não é apenas um conteúdo ou um objeto de estudo, mas sim um agente transformador, pois o homem tem capacidade de transformar e modificar a paisagem através das suas ações.

3 RESULTADOS

A pesquisa científica é um processo desenvolvido em diversas etapas e é "o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos" (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31). Nesta etapa, serão apresentados os resultados da pesquisa, juntamente com as discussões. Dessa forma, o capítulo foi dividido em três partes: 1. A análise do Currículo Contínuo de Geografia do 3º ano do ensino fundamental; 2. A entrevista com o docente e 3. A análise dos desenhos dos estudantes.

3.1 O CURRÍCULO CONTÍNUO DE GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA–GO E O LIVRO DIDÁTICO

A análise comparativa entre o livro didático e o Currículo da disciplina de Geografia para o 3º ano do ensino fundamental, adotado pelo município de Luziânia–GO, será abordada nesta seção. Esta confrontação é fundamental para avaliar a combinação e a eficácia dos recursos educacionais utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Neste estudo, busca-se examinar de perto os diálogos entre os conteúdos apresentados no livro didático de Geografia e os objetivos estabelecidos pelo Currículo Contínuo municipal. Compreender essa relação é fundamental para garantir que os materiais de ensino estejam condizentes com as metas educacionais locais para que, dessa forma, promovam uma aprendizagem significativa e contextualizada para os alunos de Luziânia–GO.

No Quadro 5 destaca-se os conteúdos a serem desenvolvidos em turmas de 3º ano do ensino fundamental no ano de 2023.

Quadro 5 – Currículo Contínuo de Geografia (3º ano) de Luziânia–GO (2023)

1º BIMESTRE
O SUJEITO E SEU LUGAR NO MUNDO
<p>(EF03GE01–A) Reconhecer a existência de normas de convivência social para os diferentes espaços.</p> <p>(EF03GE01–B) Identificar, comparar e compreender aspectos culturais, sociais e econômicos na comunidade, tanto no campo como na cidade.</p> <p>(EF03GE01–C) Reconhecer como as questões econômicas, sociais e políticas influenciam a vida em comunidade.</p> <p>(EF03GE02–A) Perceber as relações e as interações sociais, culturais e econômicas entre o campo e a cidade, sobretudo nos municípios goianos e na capital.</p> <p>(EF03GE02–B) Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens, desenvolvendo respeito por essas diferenças.</p>
2º BIMESTRE
O SUJEITO E SEU LUGAR NO MUNDO
<p>(EF03GE05–A) Identificar a origem, os diversos tipos de matéria-prima e seus usos para a indústria, em diferentes lugares e sobretudo em Goiás.</p> <p>(EF03GE05–B) Reconhecer as diversas atividades de trabalho no campo e na cidade, em diferentes lugares e sobretudo em Goiás.</p> <p>(EF03GE05–C) Perceber a função social dos diversos tipos de atividades no campo e na cidade, em diferentes lugares, sobretudo nos municípios goianos.</p> <p>(LZA–EF03GE) Identificar a vegetação do município.</p> <p>(LZA–EF03GE) Conhecer as principais fontes hidrográficas do município.</p> <p>(LZA–EF03GE) Identificar o clima do Município de Luziânia.</p> <p>(LZA–EF03GE) Conhecer o relevo de Luziânia.</p> <p>(LZA–EF03GE) Descrever as principais fontes de poluição dos rios de Luziânia.</p>
FORMAS DE REPRESENTAÇÃO E PENSAMENTOS ESPACIAL
<p>(EF03GE06–A) Identificar e interpretar mapas e imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representação cartográfica.</p> <p>(LZA–EF03GE) Identificar os pontos cardeais e representá-los a partir de um referencial</p>
3º BIMESTRE
FORMAS DE REPRESENTAÇÃO E PENSAMENTOS ESPACIAL
<p>(EF03GE07–A) Reconhecer e elaborar legendas em diversos tipos e escalas de representações cartográficas, incluindo as tecnologias digitais.</p> <p>(EF03GE07–B) Reconhecer os símbolos de uso cotidiano, como acessibilidade, inclusão, trânsito.</p> <p>(LZA–EF3GE) Criar representação cartográfica do município.</p> <p>(LZA–EF3GE) Identificar os pontos cardeais no mapa de Luziânia.</p>
NATUREZA, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA
<p>(EF03GE08–A) Relacionar a produção de lixo aos problemas causados pela produção, circulação e consumo excessivo.</p> <p>(EF03GE08–B) Perceber a influência da mídia nos hábitos de consumo e consumismo.</p> <p>(LZA–EF3GE) Apontar as principais atividades econômicas do município.</p>

(LZA–EF3GE) Debater sobre os serviços essenciais para a qualidade de vida no município de Luziânia. (LZA–EF3GE) Descrever as principais atividades profissionais do cotidiano urbano e rural do município de Luziânia. (LZA–EF3GE) Discutir sobre seus hábitos e atitudes da sociedade que levam à degradação ambiental.
4º BIMESTRE
NATUREZA, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA
(EF03GE03–A) Reconhecer os diferentes povos e comunidades tradicionais: indígenas, quilombolas, cerradeiros, ribeirinhos e migrantes, seus modos de vida em lugares distintos, com ênfase no território goiano. (EF03GE03–B) Conhecer as festas tradicionais, culturais e religiosa do estado de Goiás. (LZA–EF03GE) Reconhecer os elementos de hierarquia no espaço (lote, quadra, rua, bairro e município). (LZA–EF03GE) Identificar a diversidade e características físicas e religiosas do município de Luziânia. (LZA–EF03GE) Reproduzir por meio de desenho livre, com legenda, uma imagem que representa a cidade de Luziânia.
CONEXÕES E ESCALAS
(EF03GE04–A) Explicar como os processos naturais e antrópicos atuam na produção e na mudança das paisagens. (EF03GE04–B) Perceber como a ação antrópica interfere na dinâmica da paisagem do seu município. (EF03GE04–C) Conceituar paisagens naturais e antrópicas e identificá-las em seu município. (LZA–EF03GE) Nomear, por meio da linguagem cartográfica, localização espacial (dentro fora, ao lado) e orientações (esquerda e direita)

Fonte: Luziânia (2022)

O currículo é um componente fundamental no que tange à educação, pois é ele que direciona o que ensinar e a maneira que deve ser ensinado: “O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela que vai constituir preciosamente, o currículo” (SILVA, 1999, p. 15). É por meio do currículo que se se busca a organização e estruturação dos conteúdos nas áreas educacionais. Entende-se assim que:

[...] o currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. Neste sentido, o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar. (VEIGA, 2002, p. 29)

Nota-se que o Currículo do município traz enorme quantidade de conteúdo a ser desenvolvido durante o ano letivo e, em relação ao excesso de conteúdos, Fullan e Hargreaves (2000, p. 123) evidenciam que, “quando grandes quantidades de conteúdos são prescritas de fora para dentro, seja por uma comissão seja pelo ministério, os professores passam a preocupar-se com a forma de dar conta deles”. O Currículo de Geografia está dividido em unidades temáticas, assim como preconiza a BNCC, e em “O sujeito e seu lugar no mundo” abordam-se as questões entre as interações dos sujeitos, que parte do indivíduo ao contexto ao qual está inserido:

O sujeito e seu lugar no mundo, focalizam-se as noções de pertencimento e identidade. No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, busca-se ampliar as experiências com o espaço e o tempo vivenciadas pelas crianças [...]. Espera-se que as crianças percebam e compreendam a dinâmica de suas relações sociais e étnico-raciais, identificando-se com a sua comunidade e respeitando os diferentes contextos socioculturais. Ao tratar do conceito de espaço, estimula-se o desenvolvimento das relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas, além do raciocínio geográfico, importantes para o processo de alfabetização cartográfica e a aprendizagem com as várias linguagens (formas de representação e pensamento espacial. (BRASIL, 2018, p. 362).

Dessa forma, nota-se que nos dois primeiros bimestres os conteúdos presentes no Currículo referem-se a temas que buscam sobre a influência do meio social, as questões culturais, os respeito e a formação da identidade individual:

A tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimentos para o aluno, o que requer constante diálogo do sujeito do conhecimento, portador de uma cultura determinada, com esses outros objetos culturais, no sentido de atribuir-lhes significados próprios, o que é necessário para um processo de aprendizagem significativa. (CASTELLAR, 2022, p. 71)

Nesse sentido, o currículo precisa ter uma visão social com mecanismos básicos que possam atender o funcionamento e ter ferramentas sempre apoiadas nas diretrizes da BNCC, dessa maneira, o aprender, que o sistema educacional pretende encontrar na sociedade, será encontrado nos espaços desenvolvidos para atender a educação e civilidade e, para Castellar (2022, p. 71), “os conteúdos curriculares são entendidos como um conjunto de conhecimentos, saberes, procedimentos, valores, construído e reconstruído constantemente neste espaço da sala de aula e da escola em geral”.

No 2º bimestre destaca-se ainda a unidade temática “Formas de representação e pensamentos espacial” que, “além da ampliação gradativa da concepção do que é um mapa e de outras formas de representação gráfica, são reunidas aprendizagens que envolvem o raciocínio geográfico” (BRASIL, 2018, p. 363). Apesar de ter conteúdos relacionados à paisagem, o Currículo Contínuo não evidencia a questão.

Em relação ao 3º bimestre, tem-se a unidade temática “Formas de representação e pensamentos espacial” que, dentro desse contexto, apresenta conteúdos relacionados à cartografia do município de Luziânia. Além disso, tem-se ainda o estudo de legendas, escalas, pontos cardeais. Castellar (2022) considera que o ensino da cartografia deve ser iniciado com a construção da legenda. Outra unidade temática em questão no 3º bimestre foi a “Natureza, ambiente e qualidade de vida”. Nesta unidade

[...] busca-se a unidade da Geografia, articulando geografia física e geografia humana, com destaque para a discussão dos processos físico-naturais do planeta Terra. No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, destacam-se as noções relativas à percepção do meio físico natural e de seus recursos. (BRASIL, 2018, p. 364)

Destaca-se nessa unidade temática os conteúdos relacionados às questões ambientais, que mais uma vez estão relacionadas à paisagem, mas não estão explícitas no Currículo. Vale ressaltar que “categorias e conceitos são instrumentos que nos levam à interpretação pretendida, ao mesmo tempo em que são aprendidos considerando as interações que sofrem em uma dada situação geográfica” (ASCENÇÃO, 2020, p. 187). Depreende-se, portanto, que os temas relacionados às questões ambientais são relevantes para a compreensão da paisagem geográfica.

No 4º bimestre, a unidade temática “Natureza, ambiente e qualidade de vida” traz os conteúdos relacionados aos povos tradicionais, culturas regionais no município de Luziânia, elementos de hierarquia no espaço. A unidade temática “Conexões e escalas” evidencia os elementos de processos naturais e antrópicos na produção e na mudança das paisagens, dinâmica da paisagem do seu município, conceito de paisagens naturais e antrópicas e identificação dessas em seu município e, por fim, o conteúdo de localização espacial.

Nota-se, assim, que o conteúdo paisagem aparece somente no último bimestre. O conceito de paisagem pode ser inserido de maneira sintetizada e gradual durante o ano, visto que “a Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem” (BRASIL, 1998, p. 26). Assim, o estudante vai adquirindo e interligando os conceitos durante o ano letivo com sua realidade, com o seu cotidiano.

3.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

Nesta seção serão apresentados os conteúdos do livro didático de Geografia do 3º ano do ensino fundamental, adotado pelo município de Luziânia–GO, no período de 2023 a 2026. O intuito é verificar se os conteúdos do livro estão em consonância com o Currículo Contínuo. Destaca-se que o livro escolhido é o da coleção “A Conquista”, da editora Frère Théophile Durand–FTD. No Quadro 6, seguem os conteúdos:

Quadro 6 – Conteúdos do Livro Didático de Geografia “A Conquista” — 3º ano do ensino fundamental

Unidade	Conteúdos
UNIDADE 1. O que é paisagem?	1 Diferentes paisagens Paisagens naturais e seus elementos Paisagens humanizadas e seus elementos Cidadania Paisagens e os nossos hábitos Planos da paisagem Paisagem de longe e de perto 2 Ver e representar paisagens Paisagens e pontos de vista De olho no mapa! Maquete, uma representação da paisagem
UNIDADE 2. Transformações nas paisagens	1 Ser humano e paisagens Mudanças nas paisagens Ação das águas nas paisagens 2 Natureza e paisagens Ação da luz solar nas paisagens Registro de mudanças na paisagem Ação do vento nas paisagens
UNIDADE 3. Paisagens do campo e da cidade	1 Paisagens do campo Transformações nas paisagens do campo O que é produzido no campo 2 Paisagens da cidade Cidade e diversidade cultural Cidadania. Espaços de convivência Comércio virtual História Transformação da tecnologia no campo
UNIDADE 4. Impactos no ambiente	1 Impactos ambientais no campo Desmatamento Degradação dos solos Agricultura de precisão Uso da água Extrativismo predatório Orgânicos: opção de baixo impacto 2 Impactos ambientais na cidade Poluição de rios na cidade Emissão de gases Planta cartográfica Cidadania Compostagem

Fonte: Furquim (2021). Elaborado pela autora (2023)

Na educação básica, o livro de didático é um recurso importante no processo de ensino e aprendizagem, que acaba, por vezes, sendo o único material utilizado neste processo. Para Carvalho Sobrinho e Leite (2020), os livros fazem parte da vida escolar dos estudantes, desde os primeiros ciclos da escolarização, e a sua função é auxiliar no desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas pelos professores. O livro faz parte da cultura do ensino e “o livro didático pode ser considerado hoje, no Brasil, um dos principais instrumentos de difusão, não só de métodos e conteúdos educativos, mas também de informação e cultura” (ABONDANZA, 2020, p. 462).

O livro didático de Geografia, utilizado no município de Luziânia–GO, divide-se em 4 unidades, como pode-se observar no Quadro 6. A unidade 1 aborda o tema “O que é paisagem?”, um conceito que atravessou muito tempo e diversas correntes de pensamento, juntamente com a evolução da sociedade e principalmente da tecnologia (PANIZZA, 2014). O livro aborda os elementos pretendidos pelos PCNs ao intencionarem que:

[...] o estudo da paisagem local/global não deve se restringir à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Será de grande valia pedagógica explicar e compreender os processos de interações entre a sociedade e a natureza, situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados. (BRASIL, 1997, p. 32)

A unidade 2 apresenta conteúdos relacionados às “Transformações nas paisagens”. O livro aborda as transformações causadas pelos ventos, sol, chuva e as transformações no campo. Sobre essas mudanças ocorridas, Panizza (2014, p. 139) relata que “nada é estático e a passagem do tempo imprime transformações em tudo. [...]. A dinâmica da natureza ou da sociedade transforma estruturas e configurações espaciais, e essas mudanças são visíveis nas paisagens”.

A unidade 3 do livro aborda sobre “a paisagem do campo e da cidade”. Dentro desse tema pode-se verificar ainda, no Quadro 6, os conteúdos relacionados. Os PCNs abordam como esses conteúdos devem ser desenvolvidos na educação básica:

Os estudos de paisagens urbanas e rurais, com toda a sua problemática, pode em grande parte ser desvendados pela observação direta dessas paisagens. Uma excursão a um sítio ou a alguma fazenda garantirá um contato direto com o solo, a vegetação e as formas de organização da produção. Muitas vezes cansamos nossos alunos com longos discursos sobre o valor e significado do centro histórico de uma cidade, quando uma simples visita, ensinando-os a observar suas referências básicas, identificando, revisitando a História, compreendendo a convivência do antigo e do novo, permitiria sua compreensão mais rápida. A aprendizagem, assim, se tornaria um momento de

prazer. Nesse sentido, pela natureza do seu objeto de estudo, a Geografia está aberta a uma infinidade de recursos para a motivação do aluno. (BRASIL, 1997, p. 34)

Na última unidade do livro, o conteúdo está relacionado aos “Impactos no ambiente”. Como já foi mencionado, as questões ambientais estão diretamente ligadas às transformações da paisagem. Oliveira (2017) retrata que deve-se levar em consideração a importância do comprometimento das pessoas com a natureza e a paisagem ao buscar caminhos que nos levarão a uma consciência ambiental geral.

Na Geografia, com as diversidades e desigualdades das regiões brasileiras, os professores precisam de uma ferramenta clara para organizar e planejar os conteúdos de forma compreensível e didática para a formação dos estudantes e que também possa atender os vários municípios brasileiros: “A Geografia tem um importante papel nesse processo, apoiando o aluno a refletir sobre o mundo enquanto sujeito-cidadão atuante e, nesse sentido, é fundamental sua permanência no currículo da escola básica” (VITIELLO; CACETE, 2021, p. 17). Desse modo, o livro didático acaba se tornando um instrumento essencial que proporciona aos educadores uma base para o planejamento de atividades e conteúdo de ensino, como afirmam Vitiello e Cacete (2021, p. 17): “as afirmações sobre a importância do livro didático na melhoria da qualidade da educação podem se efetivar, principalmente, quando o professor estabelece com ele uma convivência produtiva num constante diálogo com a realidade”, ou seja, relações sobre a realidade do estudante.

Para a construção e aprovação do livro de didático, o Ministério da Educação–MEC convoca profissionais, a cada período de reformulação, com especialistas das mais diversas áreas do conhecimento, a fim de garantir qualidade, excelência e atualização dos conteúdos ali elaborados. De acordo com Abondanza Vitiello (2020), na área da Geografia, a elaboração do livro didático é realizada por 86% de geógrafos, sendo que de um total de 100 pessoas, 22% possuem mestrado e 24% doutorado. Vitiello e Cacete (2021, p. 6) consideram que:

O livro didático, manual ou compêndio escolar, é um objeto de estudo complexo que reúne vários elementos para a sua análise. Constitui-se em uma obra pedagógica que reflete os conhecimentos científicos e características culturais de uma dada sociedade em determinado período histórico e espaço geográfico. Além disso, acompanha os processos técnicos e mercadológicos da produção editorial, sendo uma das vertentes curriculares no ambiente escolar.

É fundamental que para o ensino da Geografia apresentem-se livros que cumpram as necessidades dos conteúdos, atrelados ao que propõe o Currículo, que é de suma

importância à formação dos estudantes. Vale ressaltar que o currículo real está dentro da sala de aula, sendo, assim, importante a participação do professor para a tomada de decisões.

O livro didático é um recurso que auxilia e facilita a participação da família na vida educacional do aluno, na compreensão de conceitos geográficos que são trabalhados em sala de aula, como paisagem, território e lugar. Traz também ilustrações, mapas, gráficos e fotografias, proporcionando uma aprendizagem concreta diante de tantas imagens, o que facilita a assimilação de conceitos pelos estudantes, desde que o educador produza novas estratégias de ensino e que possa utilizar outros materiais que auxiliem e complementam as atividades. Para Santos (2006a), esses materiais complementares, como artigos científicos, vídeos e atividades práticas, são como base para o livro didático, mas não como o único recurso disponível de ensino.

Montenegro (2008) traz outra visão sobre o livro didático para servir de parâmetro a ser abordado. Muitos livros didáticos apresentam erros conceituais, informações desatualizadas ou estereótipos, sendo necessário que profissionais da educação revisem e avaliem criteriosamente esses materiais antes mesmo de aderi-los como ferramenta a ser utilizada nas salas de aula.

Por fim, o livro didático faz um papel relevante e fundamental na formação dos estudantes de Geografia, produzindo em Luziânia–GO um conjunto de recursos de qualidade e informação de diferentes contextos, mas é importante que seja utilizado em conjunto com outros recursos e que seu aprimoramento seja constantemente avaliado. Assim, pode-se garantir uma educação melhor e qualidade para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental do município.

Em suma, ao analisar o Currículo Contínuo de Geografia do 3º ano do ensino fundamental do município de Luziânia–Go e o livro didático aderido pela rede de educação da coleção “A conquista”, foi possível constatar que os conteúdos não estão em consonância. Isso porque o Currículo Contínuo aborda o conteúdo “paisagem” somente no 4º bimestre. O conceito de paisagem é desenvolvido gradualmente e, dessa forma, deve ser introduzido ao currículo ao início do ano letivo, assim como o livro didático referiu-se aos conteúdos, pois os temas abordados durante o ano estão todos relacionados à paisagem. De acordo com os PCNs:

É importante que os conteúdos a serem estudados promovam a compreensão, por parte dos alunos, de como as diferentes sociedades estabeleceram relações sociais, políticas e culturais que resultaram em uma apropriação histórica da natureza pela sociedade, mediante diferentes formas de organização do

trabalho, de perceber e sentir a natureza, de nela intervir e transformá-la (BRASIL, 1997, p. 39)

O livro aborda os temas sobre o ensino da paisagem de diversas formas, no entanto o Currículo Contínuo enfatiza outras questões. A temática da paisagem poderia estar evidenciada no 1º bimestre para que, assim, todos os outros conteúdos estivessem interligados, inclusive outros conceitos, como o lugar e o território. Caberá ao professor fazer um elo para associar os conteúdos entre livro didático, Currículo e cotidiano.

3.3 VISÃO DE PAISAGEM DO PROFESSOR

Nesta seção serão apresentados os resultados da pesquisa voltados para a prática docente, os quais abordarão a síntese das observações de 3 aulas de Geografia e da entrevista realizada com o professor do 3º ano, regente da turma.

3.3.1 Síntese das aulas observadas

Uma das técnicas utilizadas nessa pesquisa foi a observação das aulas de Geografia que têm duração de 1 hora e 45 minutos cada. Esse procedimento foi feito com o objetivo de discutir como o professor aborda o ensino de Geografia nos anos iniciais e entender como a linguagem do desenho e o conceito de paisagem podem ajudar os alunos a demonstrar o que entendem sobre esse tema. Para isso, contou-se com um roteiro com especificações de pontos a serem observados ao longo das aulas para a orientação da pesquisadora e para que, dessa forma, pudesse conduzir o debate sobre os métodos de ensino e aprendizagem de geografia, mediação didática de geografia e perspectivas de ensino de paisagem.

Dessa forma, os encontros foram realizados nas datas de 24/08/2023, 31/08/2023 e 14/09/2023, no turno matutino. Os encontros aconteceram semanalmente, visto que se tem somente uma aula de Geografia por semana. Cabe ressaltar que houve um intervalo de duas semanas devido ao feriado de 7 de setembro, que ocorreu na quinta-feira.

3.3.1.1 O primeiro encontro

A primeira aula observada ocorreu em 24 de agosto de 2023, no turno matutino. Havia 29 alunos presentes. Os estudantes estavam terminando o primeiro lanche,

seguiram toda uma rotina, como copiar cabeçalho, ida ao banheiro, o lanche, e após isso o início da explicação do conteúdo. Ao fazer o cabeçalho, o professor já enfatiza a disciplina que será desenvolvida naquele momento — Geografia:

O professor mostrou o seu planejamento, contendo o conteúdo: produção de lixo; o objetivo da aula: Compreender o que é lixo, seus tipos e sua importância para a sociedade, qual a influência dele para o meio ambiente; os recursos: quadro, pincel, livro didático, vídeo aula e o tempo de 1h45. Observou-se que o professor fez uma breve introdução, dialogando com os estudantes, utilizando os próprios alunos como referência quando vão à lixeira apontar o lápis. As perguntas fazem os alunos pararem e observarem o que o professor está tentando explicar (Registro de observação, 19 de maio de 2022).

Os questionamentos eram direcionados de modo que levassem a criança a refletir sobre algo que ela ainda pudesse não ter pensado, como, como “o que você está fazendo agora? O que acontece com as raspas do lápis que vai para a lixeira? Vocês já pararam pra pensar nisso?”. Neste momento os alunos queriam participar, ficaram agitados. O professor deu a palavra para que alguns pudessem explicar. As respostas eram objetivas: “isso é lixo e o caminhão do lixo leva”; o lixo polui os rios”. O professor fez uma breve explicação do que é lixo. Trouxe conceitos de como a produção de lixo afeta ou muda a paisagem local.

Após essa exposição, o professor solicitou para que aos alunos pegassem o livro de Geografia para realizar a atividade da página 122, na qual os estudantes devem analisar a imagem principal e responder os questionamentos sobre o lixo e os impactos que a sua produção pode causar ao meio ambiente.

Por fim, o professor seguiu com as atividades até a página 125 do livro didático, explicando sobre o ações humanas nas relações de construção e destruição do meio ambiente. Sobre a produção de lixo e a questão ambiental, Oliveira (2017) menciona que é necessário mudar a maneira de perceber e aprender sobre a natureza; reconhecer seus direitos; aumentar a consciência individual e coletiva; e agir de forma consciente para com o meio ambiente. A ação humana, influencia a paisagem local, pois, de acordo com Maximiano (2004), a paisagem pode ser vista como o resultado das interações entre elementos naturais e humanos em um ambiente específico e estes elementos de paisagem se organizam ao longo do tempo e do espaço.

Dessa forma, ao questionar sobre a responsabilidade do ser humano sobre a produção do lixo, o professor leva o discente a refletir diretamente sobre sua ação no cotidiano, na escola, na sua casa, no bairro. Com isso, “a percepção e a cognição ambiental precisam ser questionadas de maneira integrada, perceber e conhecer a cidade

como constituída de partes imbricadas e não segmentadas” (OLIVEIRA, 2017, p. 133). Essa percepção deve ser integrada e questionada em todos os ambientes de rotina do estudante.

3.3.1.2 O segundo encontro

A segunda aula observada ocorreu em 31 de agosto de 2023 e haviam 30 crianças presentes. Seguiu-se a rotina diária, como mencionada anteriormente. No início da aula, os estudantes estavam agitados. Após o cabeçalho e os estudantes já estarem cientes da disciplina daquele momento, o professor inicia a aula recapitulando sobre o conteúdo trabalhado anteriormente.

O docente mais uma vez mostrou o seu planejamento, contendo o conteúdo: produção de lixo, consumismo; e o objetivo da aula: relacionar a produção de lixo aos problemas causados pela produção, circulação e consumo excessivo; os recursos: quadro, pincel; livro didático; vídeo aula e o tempo de 1h45 (Registro de observação, 19 de maio de 2022).

O professor fez uma breve revisão do que foi discutido na aula anterior. Após, o docente formou duplas e solicitou que abrissem o livro de Geografia na página 102. Nessa página, havia uma pequena história sobre o comércio virtual. Foi solicitado que as duplas dialogassem sobre o tema. Então, o professor levantou questionamentos sobre os produtos que os estudantes mais consomem e sobre a necessidade de se ter tais produtos. Nesse sentido, surgem várias interações: “tenho um celular”, “minha mãe compra muita coisa pela internet”. Todos querem falar ao mesmo tempo. Nesse momento o professor realiza algumas explicações acerca das falas dos alunos. Depois da explicação, o professor exibiu um vídeo, com duração de 8 minutos, sobre o consumo consciente e sobre a importância de reciclar.

Em relação ao vídeo, foi possível observar um processo de transformação que acontece desde a matéria prima até o produto chegar ao consumidor. Após o vídeo, os estudantes realizaram uma atividade xerocopiada sobre o tema em questão.

Em síntese, foi possível observar que o docente teve oportunidades de debater sobre as ações da sociedade sobre o meio ambiente, mas fez de , mas faltou conduzir para tais e tais aspectos. A paisagem pode ser trabalhada em sala de aula de diversas formas, inclusive aproveitando os temas relacionados ao cotidiano. O consumismo reflete diretamente na paisagem e esse aspecto pode ser um ponto levantado e questionado aos alunos, ainda mais para uma sociedade consumista, como defendeu Lipovetsky (1983) ao

mencionar que a sociedade de consumo demonstra a amplitude da estratégia de sedução com a abundância de seus produtos, imagens e serviços, o prazer do consumo que atrai e o clima eufórico de tentação e proximidade. Além disso, se identifica com a ultra simplificação das opções que a abundância torna possíveis, com a latitude dos indivíduos mergulhados em um universo aberto e transparente que oferece um número cada vez maior de opções de produtos e bens.

3.3.1.3 O terceiro encontro

A terceira e última aula observada ocorreu no dia 14 de setembro de 2023. Nesse encontro, haviam 33 alunos presentes. Inicialmente, o professor começa a rotina diária e, logo após, inicia a aula de Geografia. Em seguida, apresenta o tema da aula que é sobre o lixo e a degradação ambiental:

O professor traz o seu planejamento, contendo o conteúdo Lixo e degradação ambiental; o objetivo da aula: discutir sobre seus hábitos e atitudes da sociedade que levam à degradação ambiental; os recursos que serão utilizados na aula: quadro, pincel, livro didático, vídeo aula e o tempo de duração da aula de 1h45 (Registro de observação, 19 de maio de 2022).

No primeiro momento, o professor faz a recapitulação da última aula sobre o lixo. O professor utiliza o livro didático para explicar o conteúdo. Para isso, solicita que os alunos abram o livro na página 126. Explica sobre a planta cartográfica de um bairro, em seguida fala sobre as mudanças causadas pela grande quantidade de construções realizadas e pela quantidade de árvores derrubadas. Nesse momento, os estudantes realizam a atividade da página 127. Com a resolução das questões do livro, surgiu a discussão sobre a paisagem, isso porque o professor pediu que relacionassem a imagem à paisagem local, identificando as semelhanças e diferenças entre os dois locais. Os alunos notaram que as árvores da imagem eram diferentes das locais, mas não conseguiram identificar mais pontos.

Foi possível perceber que o professor buscou relacionar a paisagem observada na imagem do livro com a realidade vivida dos estudantes, como preconizado nos PCNS. O professor continua com as atividades do livro e, na página 128, explica sobre o descarte correto do lixo. Questiona aos alunos se eles sabem o que é coleta seletiva, se no bairro tem essa coleta. Após as respostas dos estudantes, o professor forma uma fila e os leva para o conjunto de lixeiras de reciclagem que ficam no pátio da escola e, dessa forma, explica a função de cada uma. Ao final, os estudantes realizaram as atividades até a página

130. Ao fazer a correção, o professor levantou questionamentos sobre os impactos que o lixo pode causar na paisagem. Os alunos foram participativos, com respostas diretas: “Polui”, “deixa a cidade suja”.

3.3.1.4 Síntese das aulas observadas

Nesta seção serão apresentados pontos elencados no roteiro de observação das aulas.

Quanto à organização da sala de aula, os alunos sentavam enfileirados, mas, a depender da atividade, o professor os colocava em duplas. No percurso das observações, notou-se que há uma rotina e que os estudantes já a compreendem e seguem. As aulas aconteceram no turno matutino e os alunos já chegavam agitados, com muitas conversas. Na escrita do cabeçalho o docente já evidenciava a disciplina daquele período. O professor fazia várias pausas para chamar a atenção da turma, às vezes porque conversavam muito entre si sobre assuntos diversos ou mesmo porque, entre uma atividade ou outra, os estudantes discutiam. Outras vezes, os estudantes interrompiam a explicação do professor para pedir para ir ao banheiro ou beber água.

A turma demonstrava interesse em participar dos questionamentos levantados pelo professor. Alguns alunos faziam perguntas sobre o que o professor estava procurando responder ou discutir durante a aula. Destaca-se, ainda, que o tempo estimado da aula contava-se de 1h45minutos. Nesse tempo, além de contornar as interferências que ocorriam durante as aulas, o professor explicava o conteúdo e, também, dava voz para que os estudantes fizessem as colocações.

Dessa forma, fica evidente que o professor é mediador, ele busca promover uma abordagem participativa e faz com que o aluno procure questionar, explorar, buscar conhecimentos e não só recebê-los de forma superficial. Freire (1996, p. 14) relata que “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’ sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto”.

No que se refere aos conteúdos trabalhados, foi possível verificar que o professor segue o que está proposto no Currículo do município, visto que nas observações das aulas os conteúdos eram os explícitos no documento. O professor abordou conceitos, como paisagem (de forma natural), e, mesmo que o conceito já tenha sido trabalhado anteriormente, não foi feita uma revisão do conceito. Os conteúdos desenvolvidos foram

sobre o lixo e seus impactos no meio ambiente, essa relação está totalmente ligada à paisagem. O professor desenvolveu também assuntos relacionados ao consumismo, tecnologia, degradação ambiental. Em relação à construção de conceitos, apoia-se na ideia de que:

[...] ao se apropriar de um conceito, o aluno precisa dar-lhe significado, inserir nova informação para alterar esquemas, criando uma estrutura de pensamento, que pode ser simples – por exemplo – relacionando os fenômenos estudados com os do cotidiano e, com isso, estimulando mudanças conceituais. (CASTELLAR; VILHENA, 2010 p. 100)

Dessa forma, ao relacionar novas informações ou conceitos, o professor leva o estudante para seus esquemas mentais existentes, criando, assim, uma estrutura de pensamento mais complexa. Portanto, considera-se que a construção dos conceitos, principalmente os geográficos, deve ocorrer de forma contínua.

Em relação aos recursos didáticos utilizados pelo professor, o quadro branco era utilizado para fazer algumas interferências, colocar o conteúdo, ou um pequeno desenho ou para fazer correções, que aconteceram de modo coletivo. O docente utilizou, também, atividades xerocopiadas, para complementar o que o livro didático não contemplava. Um vídeo foi utilizado na aula para desenvolver o conteúdo sobre consumismo.

Foi possível perceber que o professor utilizou alguns recursos tecnológicos em suas aulas. O vídeo trazia informações com um contexto mais aprofundado sobre o tema e, para Martins Junior e Martins (2021, p. 4), “é preciso romper com um modelo de ensino ancorado em práticas somente analógicas, para que seja possível criar outros caminhos metodológicos para a construção de novos saberes”. Assim, o vídeo teve um objetivo, uma intenção e, para Martins Júnior (2017, p. 146): “as tecnologias para a geografia [...] contribuem para trabalhar com questões da geografia do lugar, a geografia urbana e do território, a geografia das paisagens e do espaço geográfico”.

Ainda em relação aos recursos didáticos, foi possível perceber que o professor utiliza o livro didático frequentemente, e, apesar do livro tendo uma ordem específica, ele segue a ordem prevista no Currículo. O livro é o recurso mais utilizado por professores na educação básica, mas, para utilizá-lo com eficácia, é importante que o professor considere os seus objetivos para que, assim, torne os conteúdos mais significativos e menos descritivos (CASTELLAR, 2022).

Destaca-se ainda que se deve relacionar os conteúdos do livro com o cotidiano dos estudantes, isso porque, a maioria dos livros não retratam a realidade vivida. Na observação, foi possível perceber que o professor tentou elencar alguns pontos do livro

com a realidade do estudante, ao referir-se à paisagem local, no entanto, não conseguiu aprofundar o questionamento com os alunos. Assim, “a possibilidade de trabalhar o livro didático relacionando com o cotidiano é imprescindível” (CASTELLAR, 2022, p. 139).

Essa afirmação é corroborada por Libâneo (2013, p. 83) ao enfatizar que:

Os conteúdos do livro didático somente ganham vida quando o professor os toma como meio de desenvolvimento intelectual, quando os alunos conseguem ligá-los com seus próprios conhecimentos e experiências, quando por intermédio deles aprendem a pensar com sua própria cabeça.

Sendo assim, o livro não deve ser o único recurso a ser utilizado em sala de aula, além disso, “o livro precisa ser atrativo, despertar emoções, eliminar conceitos errados, sintetizar assuntos importantes, trazer linguagem acessível ao universo infantil, diálogos e imagens que complementem o texto e prendam a atenção do leitor” (SILVA; SAMPAIO, 2014, p. 174), para que, dessa forma, o estudante possa ter interesse em utilizar tal recurso.

Em síntese, diante das observações, foi possível constatar que o ensino de Geografia nos anos iniciais e, principalmente no tocante relacionado à paisagem, requer maior dinamização dos conteúdos e maior relação com a realidade do estudante. O professor é um mediador, mas precisa de suporte, de material e recursos.

Na aprendizagem, vale ressaltar sobre a importância da avaliação que deve ser constante e na Geografia:

[...] grande parte da verificação pode estar associada à aprendizagem das noções de cartografia, como desenvolvimento de habilidades, por exemplo, de lateralidade, proporção, escala, noções essas que estão ligadas aos conceitos e ao raciocínio geográfico (CASTELLAR; VILHENA, 2010 p. 152).

Para isso o professor deve conseguir adquirir esse conhecimento através da prática, da leitura de artigos, livros e formações continuadas. Dessa maneira conseguirá atuar como o mediador para trazer questões e desafios para os estudantes, além disso, realizar a avaliação dos estudantes de maneira propícia para cada momento da aula.

3.3.2 Análise da entrevista–professor

No dia 19 de setembro foi realizada a entrevista com o professor regente da turma do 3º ano do ensino fundamental, com o objetivo de analisar a sua visão sobre o ensino de paisagem. O professor é pedagogo, tem 43 anos de idade, reside no Valparaíso–GO, possui 7 anos de experiência em docência nos anos iniciais e sua jornada de trabalho é de 60 horas semanais.

A entrevista foi dividida em categorias, pois, dessa forma, fica mais viável para que possa se ter um diálogo fluído, com maior eficácia para a discussão dos tópicos. A categoria I aborda sobre “concepção docente sobre ensino e aprendizagem de Geografia e o Currículo”. Na categoria II a entrevista discute sobre o conceito e o ensino da paisagem. A categoria III refere-se sobre a consideração da paisagem de Luziânia ou de Brasília e a categoria IV retrata a formação docente.

3.3.2.1 Categoria I — Concepção docente sobre ensino e aprendizagem de Geografia, Currículo

A entrevista iniciou-se com questionamentos sobre a vida profissional do docente que foram elencados acima. O primeiro questionamento trazido foi sobre o papel do ensino da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental e se o objetivo desse ensino está sendo alcançado.

Nos anos iniciais, o ensino da Geografia é fundamental para aguçar a curiosidade dos estudantes, pois neste momento do ensino se trabalha com muitos conceitos reais, como lugares, culturas, paisagens. Por meio desses conceitos e do ensino da Geografia, busca-se levar o aluno ao aumento da criatividade, do raciocínio, da observação e, dessa forma, fazer com que ele desenvolva habilidades de localização, orientação e representação espacial. Na fala do professor, percebe-se que o ensino da Geografia ocupa espaço de realidade vivida, de questões além do livro, pois, para ele, a Geografia trabalha o todo. Castellar e Vilhena (2010) enfatizam que o estudante deve buscar conhecer as relações que estão além do homem-natureza, devendo avaliar as interferências antrópicas no meio físico e complementam ainda que:

Na educação geográfica, para obter a compreensão necessária do mundo, é importante formular hipóteses a partir de observações, para posterior comprovação e análise. [...] A educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (incluindo as relações de produção); nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identificação e comparação entre valores e períodos que explicam a nossa identidade cultural; na compreensão perceptiva da paisagem que ganha significados, à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos. (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 15)

Outro ponto importante levantado pelo professor é sobre a questão da formação do pensamento espacial do estudante, que deve ser construído ao longo da vida escolar do aluno. Para Silva (2022), pensar espacialmente é quando a pessoa consegue operar

conceitos espaciais como, por exemplo, a direção, a localização, o sentido, ou seja, o pensamento espacial está relacionado mais ao cognitivo. Assim, o pensamento espacial é essencial para o estudante, visto que, dessa forma, poderá compreender e analisar o espaço geográfico. Richter, Marin e Decanini (2010) contribuem enfatizando que o pensamento espacial e a educação geográfica está muito além de apenas aumentar o vocabulário discente, com a inclusão de palavras e conceitos utilizados frequentemente como, por exemplo, território, redes, espaço geográfico, lugar, região, paisagem. Para eles:

[...] o trabalho didático de Geografia deve pautar pela relação desses saberes científicos na observação e compreensão do cotidiano. Desse modo, o aluno poderá utilizar o conhecimento geográfico para interpretar os diversos contextos que atuam e são responsáveis pela produção do espaço e que, indiretamente, afetam sobre sua própria vivência. (RICHTER; MARIN; DECANINI, 2012, p. 15)

Entende-se que a Geografia é de suma importância para o desenvolvimento integral dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, isso porque contribui para o desenvolvimento da compreensão do espaço geográfico, auxilia nas habilidades cognitivas, que aumentam a capacidade de análise e interpretações de informações (pensamento espacial), além de promover a consciência ambiental e cultural no aspecto local, nacional e mundial e, por fim, estimula o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes.

O Currículo de Luziânia segue a BNCC, e, em relação aos seus conteúdos, o professor considera “que é muito amplo e que é muito conteúdo para pouco tempo”. Relata, ainda, que poderia ser algo mais interdisciplinar. Em relação ao ensino da Geografia, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta que deve possibilitar a compreensão do espaço, complementa ainda que, para que os alunos consigam realizar a leitura do mundo em que vivem, fundamentados nos conceitos geográficos, é fundamental o estímulo a pensar espacialmente para que, dessa forma, possam desenvolver raciocínio geográfico (BRASIL, 2018). E complementa, ainda, que:

[...] na abordagem dos objetos de conhecimento, é necessário garantir o estabelecimento de relações entre conceitos e fatos que possibilitem o conhecimento da dinâmica do meio físico, social, econômico e político. Dessa forma, deve-se garantir aos alunos a compreensão das características naturais e culturais nas diferentes sociedades e lugares do seu entorno, incluindo a noção espaço-tempo. (BRASIL, 2018, p. 368)

Assim, destaca-se a importância do Currículo e do ensino da Geografia, que visam formar estudantes que sejam capazes de interpretar e analisar com criticidade o meio em

que vivem. Mesmo tendo conteúdo amplo na Geografia, o objetivo deste componente curricular é proporcionar uma educação que vai além de transmitir conhecimentos, mas que, também, prepare os discentes para compreenderem e atuarem no mundo de maneira consciente.

Por fim, pode-se resumir que o professor considera que o ensino de Geografia e o conceito paisagem tem papel articulador na aprendizagem e na vida do estudante, visto que, englobam aspectos do cotidiano da criança, ao trazer os elementos naturais, culturais, econômicos e sociais. Além disso, o docente considera que o ensino da paisagem é uma representação visível das relações dinâmicas entre os elementos físicos e humanos e que diante disso, traz reflexões sobre as transformações resultantes da ação humana sobre o meio ambiente.

3.3.2.2 Categoria II — Conceito e ensino da paisagem

Neste ponto da entrevista, foram abordados os temas sobre o conceito e o ensino da paisagem na visão do professor entrevistado. E foi questionado “qual o conceito de paisagem” para ele. Além disso, foi interrogado como o docente trabalha a questão da transformação com as crianças, já que a paisagem é um processo histórico, seja natural ou não. Até porque a natural também é transformada.

O professor compreende a importância de se ensinar a paisagem e o conceito trazido por ele é baseado na Perspectiva Tradicional, ou seja, a paisagem está diretamente relacionada aos aspectos naturais e nas relações do homem com a natureza (COPATTL, 2020). Em 1972, Bertrand (1972, p. 141) determina que a

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

O autor enfatiza ainda que os estudos relacionados às paisagens e suas transformações devem levar em consideração outros aspectos, além dos elementos e processos espaciais. Cabe incluir, também, a temporalidade para que dessa forma possa se compreender as mudanças que nelas ocorrem (BERTRAND, 1972). Essa temporalidade está relacionada à concretude das relações entre a natureza e a sociedade. O professor coloca isso em evidência, ao trazer que o “mundo em si é transformação”.

Os conceitos geográficos nos anos iniciais do ensino fundamental servem como instrumento para compreender fenômenos e movimentos determinantes no espaço terrestre e saber das relações entre a sociedade e o ambiente. Para Castellar e Vilhena (2010, p. 99), “na aquisição do conhecimento, devem-se evidenciar a capacidade de raciocínio por meio da interligação entre conceitos, possibilitando a organização de uma rede de conceitos que estruturam o conceito-chave que está sendo o principal”. Fica evidente que é fundamental que a criança aprenda o conceito, mas não só isolado e sim consiga fazer a relação de como os conceitos se relacionam entre si. Desse modo:

Não se ensinam ou aprendem coisas, mas relações estabelecidas em entendimento mútuo e expressas em conceitos, que por sua vez, são construções históricas, isto é, nunca dadas de vez, mas sempre retomadas por sujeitos em interação e movidos por interesses práticos no mundo em que vivem. (CALLAI, 2020, p. 59 *apud* MARQUES, 1992, p. 72)

O professor menciona que, após trabalhar o conceito de paisagem, mostra imagens para os discentes para que eles façam a relação entre a teoria e a prática. Panizza (2014) menciona que a fotografia se tornou um dos principais recursos para poder representar as paisagens, pois proporciona imagens reais e com bom potencial, e que podem ser transmitidas ou repassadas por diversos meios de comunicação. Para Castellar e Vilhena (2010), a utilização de imagem deve ser o ponto de partida para a análise de um fenômeno que se quer estudar em Geografia, nesse caso, e assim o estudante será incentivado a observar ou levantar hipóteses daquilo que foi ensinado.

Além das imagens para a contextualização dos conceitos, o professor utiliza outros recursos para desenvolver as aulas de Geografia e o conteúdo da paisagem em sala de aula, como o próprio livro didático e um recurso prático que é o próprio cotidiano do aluno, o seu dia a dia. Em relação ao uso da realidade do estudante:

[...] é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é vivido, de experiências sempre renovadas, o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. (DEON; CALLAI; OLIVEIRA, 2021, p. 155)

O professor expõe, ainda, alguns exemplos práticos que utiliza para agregar o conteúdo trabalhado à realidade do estudante, principalmente partir do lugar. Esse pressuposto é defendido por Cavalcanti (2016), corroborando com Santos (1988) que estabelece a proximidade de trabalhar o conceito de paisagem com o lugar, isso porque é a partir daí que se pode fazer uma análise inicial para apreender as determinações do espaço geográfico, pois existe proximidade com a realidade estudada.

3.3.2.3 Categoria III — Consideração da paisagem de Luziânia ou de Brasília

Nessa categoria, os pontos elencados na entrevista foram sobre o ensino da paisagem referente ao lugar — cidade do estudante — e como o professor aborda essa temática na sala de aula.

Em relação à explicação sobre a paisagem local do município de Luziânia e sua abordagem em sala de aula, o professor afirma que é fundamental iniciar o conceito de paisagem pela nossa casa, nossa escola, nosso local, o bairro e, principalmente, o município e, a partir daí, expandir os conhecimentos relacionados à paisagem. Para Deon e Callai (2020, p. 97):

[...] ao estudar a cidade, elegendo como problemática a transformação da paisagem da cidade, um fator essencial é buscar despertar na criança a sua imaginação, e a imaginação pode ser desenvolvida a partir do conto de histórias sobre como era a sua cidade.

A cidade como ponto de partida para ensinar a Geografia pode colaborar no processo de aprendizagem, isso porque os estudantes conseguem associar os conceitos à realidade (CASTELLAR; VILHENA, 2010), assim, estudar sobre a paisagem a partir da cidade proporciona aos estudantes o poder de relacionar o que aprendem com a realidade em que vivem e isso pode ser feito por um passeio na cidade, em um parque local, no bairro. Dessa forma, promove a conexão dos conteúdos curriculares de Geografia e a realidade vivida. De acordo com os PCNs:

Uma paisagem, seja de uma rua, de um bairro, ou de uma cidade, além de representar uma dimensão concreta e material do mundo, está impregnada de significados que nascem da percepção que se tem dela. No seu cotidiano os alunos convivem de forma imediata com essas representações e significados que são construídos no imaginário social. (BRASIL, 1997, p. 23)

No questionamento sobre considerar a paisagem local ou a paisagem de Brasília, por ser o local de trabalho da maioria dos pais dos estudantes, o professor considera que os estudantes priorizam e identificam mais a paisagem local, ou seja, do próprio município. Ainda, de acordo com ele, isso acontece porque os pais não têm tempo de observar a paisagem e se observam não transmitem as suas percepções para os filhos nem sobre a local nem sobre a de Brasília.

O estudo do meio urbano desempenha um papel essencial na construção dos conceitos de identidade e pertencimento, que podem ser manifestados por meio do reconhecimento de nossa posição como agentes históricos; nas conexões estabelecidas com espaços vivenciados; na preservação de tradições que resgatam nossa herança

coletiva; e na identificação e comparação de valores e períodos que delineiam nossa identidade cultural (CASTELLAR; VILHENA, 2010).

3.3.2.4 Categoria IV — Formação inicial e continuada do professor

A última categoria da entrevista refere-se sobre à formação inicial e continuada do professor. Foi questionado se o professor teve uma disciplina relacionada ao ensino da Geografia na faculdade. De acordo com Castellar (2022), no processo de ensino e aprendizagem em Geografia é fundamental que o professor esteja vigilante em relação à importância de reconhecer e compreender as interações e conexões que ocorrem entre sociedade e natureza, as quais resultam em intervenções, transformações, mudanças e rupturas tanto no âmbito social quanto no ambiente físico-natural.

Em relação à pergunta, o professor relatou que foi muito superficial e que estava relacionada ao ensino de Ciências e História. Segundo ele, a sala de aula é diferente do que se aprende na faculdade, pois a realidade é outra. A formação inicial de um professor pedagogo é fundamental para que ele consiga ter aporte para promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Com uma boa formação inicial, o docente conseguirá abordar temas e trabalhar conceitos Geográficos e, dessa forma, conseguindo promover a aprendizagem significativa. Para Oliveira *et al.* (2022, p. 11), “o estudo da Geografia permite atribuir sentidos às dinâmicas das relações entre pessoas e grupos sociais, e desses sujeitos com a natureza a partir das atividades de trabalho e lazer”. E complementa ainda:

[...] que o professor em formação deve compreender e manter o diálogo permanente com o espaço geográfico, a fim de conhecer seu papel na sociedade tecnológica, econômica e cultural no mundo atual. Sendo assim, ensinar Geografia requer uma compreensão do espaço geográfico e as múltiplas relações estabelecidas nesse espaço (OLIVEIRA *et al.*, 2022, p. 11).

Para compreender o seu papel, o professor necessita de uma boa formação inicial e continuada e, na entrevista, o professor expõe que não realizou, durante o período que leciona na rede, nenhuma formação continuada sobre o ensino da Geografia e nem sobre os conceitos desenvolvidos nos anos iniciais. A falta de formação inicial ou continuada adequada pode levar o professor a ensinar de maneira que seja voltado apenas para a realização de atividades, sem o interesse e preocupação de desenvolver reflexões sobre o ato pedagógico (THEVES; KAERCHER, 2022).

Ainda em relação à formação continuada, o professor descreve que o que aprendeu para ensinar Geografia foi através de busca própria, pois necessita de conhecimento constante, visto que o mundo se transforma diariamente. Sobre as mudanças que ocorrem na sociedade, e a necessidade de formar cidadãos mais críticos e reflexivos, Castellar (2022, p. 114) afirma que:

[...] tais mudanças exigem que o professor esteja preparado tanto para o exercício desse pensamento interdisciplinar quanto para o exercício de práticas e de procedimentos didáticos inovadores, motivadores, capazes de demonstrar para os alunos a evolução dinâmica da construção do conhecimento.

Dessa forma, é fundamental ter uma formação contínua voltada às necessidades de compreensão de mudanças e como relacionar essas questões em sala de aula, por vezes cheia de especificidades.

3.4 A CONCEPÇÃO DE PAISAGEM NA VISÃO DOS ESTUDANTES

Esta seção apresentará os resultados obtidos pela análise dos desenhos realizados pelos estudantes sobre o conceito de paisagem, seguidos da discussão.

As pessoas podem ver a mesma paisagem de diferentes formas. A leitura e a interpretação de uma paisagem estão além da visão, pois contemplam também a vivência, a realidade, o pertencimento. A paisagem atinge todos os sentidos e, como afirma Panizza (2014), é uma representação, uma imagem desprovida de materialidade.

A criança aprende e adquire conhecimento e constrói a forma de ver o mundo e fazer a sua leitura de acordo com o seu crescimento, das relações com o outro e com as experiências vividas. De acordo com Callai (2005), lemos o mundo antes mesmo de ler a palavra, isso porque a criança tem contato com o que é real, como a paisagem por exemplo, que é concreta para ela. Para Deon e Callai (2020), a alfabetização deve iniciar pelo olhar e pelo reconhecimento das formas de alguns elementos que estão expressas pela paisagem e que, ao serem nominados, passam do sentido simbólico para a possibilidade da construção de conceitos.

Dessa forma, tudo que o sujeito aprende é resultado, seja das suas relações, das suas interações, do que ele construiu ou vivenciou. Até mesmo dos conceitos que lhe foram apresentados. Vygotsky (2000, p. 161) assegura que:

No processo de formação dos conceitos, esse signo é a palavra, que em princípio tem o papel de meio na formação de um conceito e, posteriormente, toma-se seu símbolo. Só o estudo. A construção do pensamento e da linguagem do emprego funcional da palavra e do seu desenvolvimento, das suas múltiplas

formas de aplicação qualitativamente diversas em cada fase etária mas geneticamente inter-relacionadas, pode ser a chave para o estudo da formação de conceitos.

Os conceitos são fundamentais para a construção do pensamento da criança, principalmente na fase da escolarização. No entanto, isso não significa que o conceito deve chegar formado à criança e sim de maneira que ela possa desenvolver seu pensamento conceitual baseado em suas experiências e no que é concreto. Os conceitos na Geografia, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, são recursos “intelectuais para realizar as leituras de mundo e, portanto, para a construção do conhecimento com as crianças, possibilitando-lhes que o mundo seja entendido não apenas como lugar da experiência vivida, mas como um objeto de pensamento” (DEON; CALLAI, 2020, p. 82). A construção desses conceitos é levada por toda a vida escolar e, conseqüentemente, por toda a vida da criança.

3.4.1 O papel do desenho na aprendizagem da criança

Esta seção trata da função do desenho na aprendizagem da criança, isso porque o conceito de paisagem, na visão dos estudantes, será realizado por meio da ilustração das crianças.

O desenho é uma forma de representar, de manifestar uma forma de expor o pensamento, a criatividade, a forma de ver o mundo. Para a criança o desenho desempenha papel fundamental para o desenvolvimento da cognição e no aspecto emocional e social. De acordo com Pereira e Silva (2011, p. 91), “a criança representa o seu universo interno, desempenha personagens e inventa regras, mantendo uma relação de propriedade com os seus desenhos”. Além disso, a criança representa o que ela vê, o que faz parte do seu cotidiano.

Através do desenho, a criança pode despertar o seu lado criativo, criar o mundo abstrato e resolver problemas. Por meio das linhas, das expressões do desenho, a criança pode transmitir suas emoções, percepções para as outras pessoas, estabelecendo uma forma de interação social, considerando, assim, o desenho como forma de comunicação. Para Freire (2011), a aprendizagem deve ser significativa e contextualizada, valorizando os saberes do estudante, e o desenho contribui para que esse processo tenha êxito, permitindo que o discente elabore e represente sua própria concepção do mundo.

Na Geografia, o desenho sempre foi utilizado como forma de registro, principalmente para ilustrar mapas e croquis. O desenho é a melhor atividade para representar uma paisagem, visto que nele o discente será capaz de expor o que vê, o que sente, o que ouve, suas emoções, suas lembranças, pois a representação acontece pelo que a criança tem na memória. O desenho auxilia na análise e na interpretação da paisagem, sendo possível, assim, a identificação de suas características, relações e transformações. E para representar a paisagem:

Os alunos devem ser levados a compreender que a geografia como ciência social deve valorizar a ação da sociedade na paisagem e, neste sentido, a observação e a interpretação da paisagem são os pontos de partida na metodologia de ensino que tenha como foco o entendimento da paisagem. (ORTIGOZA, 2012, p. 54)

Ao desenhar uma paisagem, a criança coloca em prática sua capacidade de observação e imaginação, sendo possível representar visualmente o meio em que vive, sendo que “a variação do potencial criador irá depender das possibilidades que lhe são oferecidas para poderem se expressar e do estímulo oferecido pelo contexto” (PEREIRA; SILVA, 2011, p. 93). A utilização do desenho para retratar a paisagem está além da sala de aula, pois deve-se considerar as experiências e vivências dos educandos, visto que cada ser tem uma maneira diferente de ver o mundo. O desenho é uma

[...] forma interessante de propor que os alunos utilizem objetivamente as noções de proporção, distância e direção fundamentais para o uso e compreensão da linguagem gráfica, mas também, que possam agregar mensagens valorativas, afetivas e pessoais em relação à representação do mundo. (BRASIL, 1997, p. 52)

Desse modo, o desenho é um recurso interessante para ser utilizado na sala de aula, pois possibilita o uso de diversas linguagens e expressões, além disso, permite que o aluno possa representar o seu conceito sobre paisagem e como ele consegue fazer a leitura do mundo e “fazer a leitura da paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a história do espaço considerado, quer dizer, a história das pessoas que ali vivem” (CALLAI, 2005, p. 238).

3.4.2 A atividade coletiva com os estudantes

Esta seção está destinada à análise dos desenhos dos estudantes do 3º dos anos iniciais do ensino fundamental.

Foi realizado um pequeno diálogo com os estudantes presentes no dia da atividade coletiva sobre os conceitos de paisagem. O total de 31 estudantes realizaram a atividade e foram disponibilizados, como material, lápis de escrever, borrachas, folhas A4 (brancas) e lápis de cor. Foram levantados questionamentos como: vocês sabem o que é paisagem? Como vocês descreveriam uma paisagem para o professor agora? Sobre que tipo de paisagem vocês aprenderam? Tem alguma paisagem que chama a sua atenção no local onde você mora? Vocês conhecem outro tipo de paisagem?

Diante dos questionamentos levantados, foi solicitado que os discentes fizessem o desenho sobre o significado de paisagem para eles. O nome dos estudantes que participaram da pesquisa serão preservados e foram utilizados nomes fictícios.

Os desenhos estão selecionados em três grupos: paisagens naturais, paisagens humanizadas, referentes ao local de vivência do estudante, paisagens humanizadas, referentes a lugares não identificados.

3.4.2.1 Paisagens naturais

A paisagem revela a imagem que se obtém por meio da visão, audição, tato, olfato e paladar, assim, pode-se perceber a paisagem. Cada paisagem é composta por diferentes tipos de elementos que resultam dos fenômenos da natureza e da relação entre esses fenômenos e as ações antrópicas. De acordo com Santos (2022, p. 69), “Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas materiais e imateriais pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas”. Considera-se que “a paisagem natural refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos” (SCHIER, 2003, p. 80) e Araújo *et.al.* (2021, p. 460 *apud* RODRÍGUEZ, 2007) completa que “é quando a interface entre Natureza e Sociedade expressa menor nível de modificações gerido e articulado por processos mais ou menos brutos, mantendo suas características físicas”, quase que naturais e basicamente não foram alterados pelas ações humanas, sejam construções de casas, estradas, pontes. Nos desenhos selecionados a seguir, observa-se que os estudantes têm a visão de uma paisagem totalmente natural como foi descrita acima.

Figura 13 – Visão de paisagem de Ana



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Na Figura 13, os elementos presentes são tipicamente de uma paisagem natural. A visão predominante de paisagem para a criança é a natural. Para Santos (1996, p. 81), “A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão”. Assim, a paisagem sentida é aquela que é bela, bonita e intocada pelo homem.

Figura 14 – Visão de paisagem Júlia



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Os traços da Figura 14 demonstram elementos totalmente naturais, o sol entre as nuvens, o ipê florido, outras árvores, campo verde, sem a ocupação de pessoas. Mesmo que esta representação de paisagem não contenha traços de que a criança esteja inserida no meio, os aspectos trazidos por ela denotam o cerrado, vegetação típica da região. A pesquisa de campo foi realizada na época de floração dos ipês, detalhes observados pelo estudante. Para Panizza (2014, p. 57), “no círculo de práticas cotidianas os itinerários percorridos com frequência nos são familiares, mas para reconhecê-los e memorizá-los é preciso uma aprendizagem”. A aprendizagem pode ser no caminho até a escola, em que a criança visualiza e tem memórias do percurso realizado, ou na escola, com vídeos, imagens e outros recursos utilizados pelo professor.

Figura 15 – Visão de paisagem de Maria



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A Figura 15 traz, assim como na anterior, um campo largo, com uma árvore florida. Somente elementos da paisagem natural, evidenciando que a visão que o estudante tem sobre paisagem ainda é sobre algo bonito, uma vista agradável: “O desenvolvimento mental e a capacidade de conhecer o mundo e de nele atuar é uma construção social que depende das relações que o homem estabelece com o meio” (CAVALCANTI, 2015, p. 159). Assim, entende-se que com o tempo e amadurecimento a criança vai encontrando outras formas de ler a paisagem. Isso não quer dizer que ela

esteja fazendo a leitura errada da paisagem, ela só a vê dessa forma neste momento da vida dela.

Figura 16 – Visão de paisagem de Lucas



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A leitura que o estudante tem sobre paisagem, refletida na Figura 16, evidencia uma visão romantizada da paisagem que fica clara quando retrata a macieira. Por vezes:

[...] as crianças movimentam-se e agem de modo complexo no e em suas andanças possíveis vão se apropriando dos nomes das qualidades dos sentidos dos conceitos das coisas das relações e dos lugares e vão formando um repertório de conhecimentos. (LOPES; MELLO; BOGOSSIAM, 2013, p. 79)

Dessa forma, adquirem e reconhecem seu cotidiano como uma maneira de ler o mundo e estabelecem suas formas de interagir e criar conexões com este espaço que lhes pertence.

Figura 17 – Visão de paisagem do Guilherme



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

O estudante evidenciou na Figura 17 a sua representação de paisagem. Com tons coloridos, traços fortes e naturais. Ao desenhar uma flor, denota que a sua visão de paisagem é algo mais tranquilo, bonito. Cavalcanti (2005) considera que a apreensão dos conceitos é formada desde a infância, mas somente se concretiza quando a criança alcança os 12 anos de idade, isso porque o estudante consegue fazer a ligação entre o abstrato e a sua vivência e experiência com o mundo real. Para a criança, o entendimento do que é a paisagem ainda está em processo. Cavalcanti (2012, p. 158) afirma, ainda, que os conceitos podem ser apreendidos como

[...] ferramentas culturais que representam mentalmente um objeto. São conhecimentos que generalizam as experiências, que permitem fazer deduções particulares de situações concretas. São modos de operar o pensamento e, assim, a compreensão do mundo.

Figura 18 – Visão de paisagem do Davi



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Na Figura 18, a criança deixa claro, além da ilustração, o tipo de paisagem, com o título: “paisagem no globo, no mar e das montanhas”. Para ela, essa é a paisagem predominante, aquela que faz sentido e a que ela vê, ou seja, a paisagem natural, como se ainda não houvesse ações humanas interferindo sobre ela. Nota-se que o estudante evidenciou traços com características noturnas como a lua, o céu mais escuro e tons mais voltados para o cinza, deixando em evidência a água azul. Panizza (2014, p. 82) enfatiza que

[...] a observação direta ou indireta de paisagens em pinturas ou fotografias os alunos são convidados a reconhecer denominar descrever elementos paisagísticos e a paisagem seu conjunto pelas linguagens oral e escritas diferenciar classificar e registrar elementos da paisagem e da paisagem como um todo pelas linguagens gráficas elaboração de desenhos.

Dessa forma, entende-se que o estudante tenha apresentado um tipo de paisagem que foi visto em sala de aula, com explicações do professor.

Figura 19 – Visão de paisagem do Enzo



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

O golfinho, a água azul límpida, o dia e a noite entrelaçados na ilustração da paisagem na Figura 19 demonstram que a criança traz um conceito de paisagem natural, distante da sua realidade, mas que em sua mente é o conceito formado de paisagem. De acordo com os PCNs, no ensino da paisagem nos anos iniciais, o objetivo é explorar diversos aspectos para promover a compreensão e a valorização a partir do local de vivência da criança e depois partir para outras esferas:

[...] deve-se procurar estabelecer relações com outras paisagens e lugares distantes no tempo ou no espaço, para que elementos da comparação possam ser utilizados na busca de semelhanças e diferenças, permanências e transformações, explicações para os fenômenos que aí se encontram presentes. Inicia-se, assim, um processo de compreensão mais ampla das noções de posição, sítio, fronteira e extensão, que caracterizam a paisagem local e as paisagens de forma geral. (BRASIL, 1997, p. 87)

Em suma, o estudante conseguiu expor sua visão de paisagem e, para ele, paisagem significa algo belo, calmo, tranquilo, como um belo quadro fixado na parede. Ele conseguiu descrever a paisagem de um lugar totalmente diferente da sua realidade.

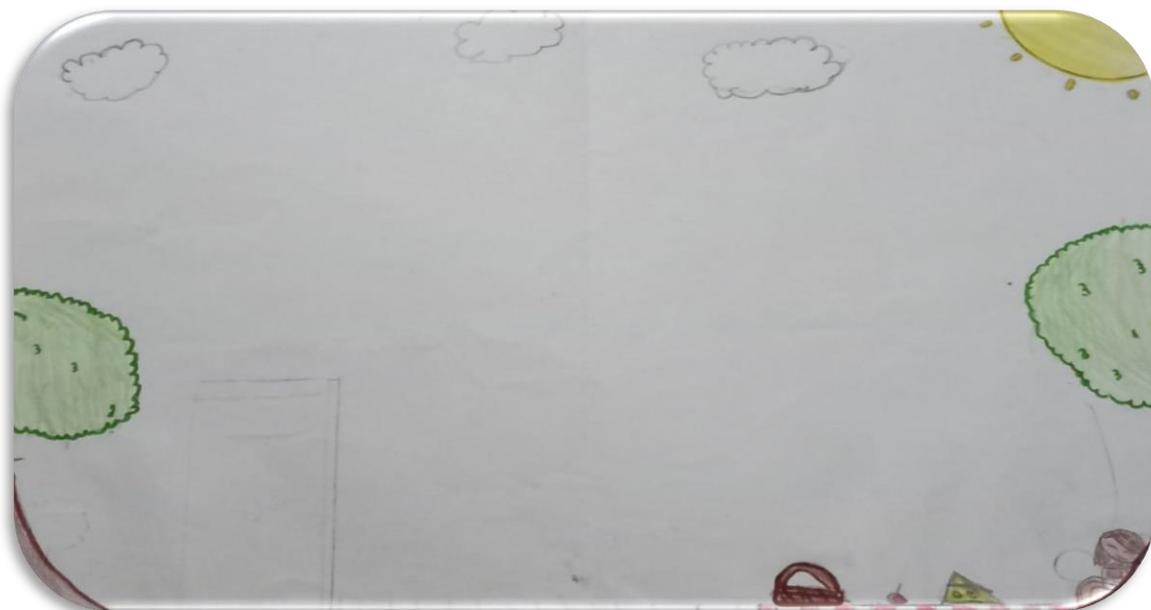
Figura 20 – Visão de paisagem da Sofia



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A Figura 20 apresenta aspectos da vista de uma praia, água azul, coqueiros, pássaros voando e o sol no horizonte, sem a presença de humanos, evidenciando a paisagem natural que Santos (2022, p. 71) preconiza como “aquela ainda não mudada pelo esforço do homem”. A ilustração não faz parte da realidade do estudante, mas reforça a experiência e visão com outras paisagens.

Figura 21 – Visão de paisagem da Laura



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Na Figura 21 o estudante consegue descrever uma paisagem natural, mas já há uma pequena presença de humanos. Observa-se uma pessoa realizando um piquenique no lugar ilustrado que contem árvores, um gramado, nuvens e o sol. Cavalcanti (2010) descreve que a paisagem é um conceito que remete à experiência diária de estudantes que estão na fase de escolarização, principalmente nos anos iniciais, pois eles têm contato com espaços por meio do sensorial, com o concreto; os diversos sentidos os levam a perceber a paisagem de seu entorno.

Figura 22 – Visão de paisagem da Alice



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Outra ilustração que remete à paisagem natural é a Figura 22, pois a criança consegue trazer elementos como árvores, nuvens, flor e pássaros. E somente uma pessoa, aparentemente contemplando a natureza, ou seja, a visão de que a paisagem está relacionada a algo belo.

Figura 23 – Visão de paisagem da paisagem Bianca



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A criança vê a paisagem como uma noite estrelada. Na Figura 23 nota-se que ela coloca elementos naturais como a lua, as árvores floridas, as flores e as estrelas. Vê a paisagem como um momento feliz, pois coloca “rostinho feliz” nos elementos naturais. Para compreender a paisagem deve-se trabalhar “fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos que também podem ser utilizados como fontes de informação e de leitura do espaço e da paisagem”(BRASIL, 1997, p. 33).

3.4.2.2 Paisagens humanizadas referentes ao local de vivência do estudante

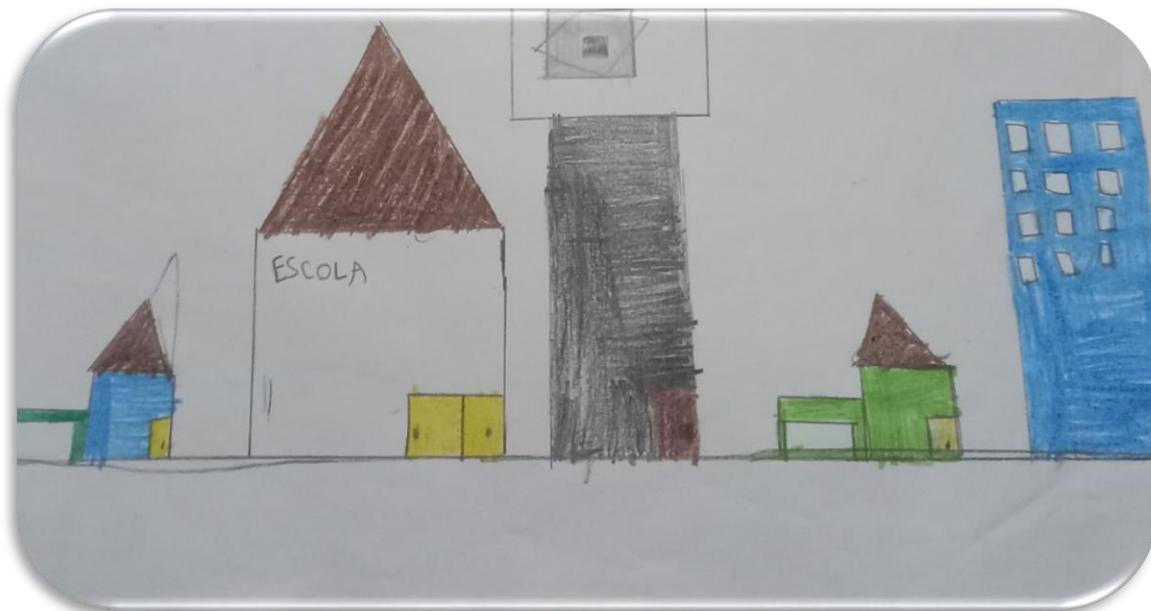
Para Santos (2022, p. 71), “a paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem”, ou seja, a paisagem humanizada, aquela que sofreu alterações, como construções de ruas, edifícios, casas, escolas.

O ensino da paisagem nos anos iniciais deve trazer aspectos do local de vivência do estudante, pois:

[...] as percepções que os indivíduos, grupos ou sociedade têm do lugar em que se encontram e as relações singulares que com ele estabelecerem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico. (BRASIL, 1997, p. 110)

Assim, a criança terá compreensão sobre o seu pertencimento, a sua identidade e o seu papel como cidadão. Nas próximas ilustrações, os estudantes evidenciaram os locais de vivência. A representação de paisagem vivida por eles, a paisagem cotidiana

Figura 24 – Visão de paisagem do Vinícius



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Na Figura 24 a criança evidenciou elementos de uma cidade, de um bairro, como a escola, casas, prédios, típicos do bairro em que reside, mas não trouxe elementos como árvores, animais, plantas e nem pessoas. Tem uma visão de paisagem humanizada, tendo como base o lugar em que vive. Cavalcanti (2016) enfatiza que o lugar é aquele espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o que é vivido. Lugar é um conceito que está interligado à paisagem, visto que é através das paisagens que se busca compreender o mundo e o lugar em que se vive, pois ela traz marcas e processos históricos. Para os PCNs, “a compreensão geográfica das paisagens significa a construção de imagens vivas dos lugares que passam a fazer parte do universo de conhecimentos dos alunos, tornando-se parte de sua cultura” (BRASIL, 1997, p. 136).

Figura 25 – Visão de paisagem do Luiz



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

“Minha casa” foi como a criança nomeou a imagem da Figura 25 sobre o que entende por paisagem. Os detalhes do desenho evidenciam a casa, árvores com frutos, o sol, os pássaros voando, uma piscina e uma casinha do animal de estimação chamado de Pipoca. O estudante mescla a paisagem artificial com a natural. Dessa forma, a criança lê a paisagem como conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, sendo formada por ambas seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade ou por qualquer outro critério (SANTOS, 2022). A leitura da paisagem é subjetiva e Panizza (2014, p. 78) salienta que, “de acordo com a faixa etária, o desenho da criança evolui em função da percepção, e se torna mais detalhado em relação ao espaço no qual se vivem e a paisagem local”. Assim, o estudante aprende outros conteúdos. Além disso, começa a entender a sua função social com o meio em que vive.

Figura 26 – Visão de paisagem de Pedro



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Na Figura 26, o que revela ser uma paisagem sobre a realidade do estudante, está “Ming 2”, na parte superior ao desenho, que significa “Mingone II”, Bairro no qual foi realizada a pesquisa de campo. A criança ilustrou uma paisagem humanizada, ou antrópica, que é aquela que “Foi, ou está sendo modificada, pela intervenção do homem” (PANIZZA, 2014, p. 90). Percebe-se que a criança ainda não conseguiu observar e descrever a paisagem em seus diferentes aspectos. Há a presença de poucos elementos construídos no ambiente e o único elemento dito natural é o sol. O que se observa nas Figuras 24, 25 e 26 é que, apesar de estarem ligadas ao meio da criança, elas não estão presentes nas ilustrações, não se inseriram às paisagens desenhadas. São paisagens humanizadas e, mesmo descrevendo o lugar que moram, ambientes com rotinas, pessoas, as ilustrações são de locais vazios.

Figura 27 – Visão de paisagem da Luiza



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A descrição da escola, da Figura 27, das crianças enfileiradas com a figura do professor à frente, a árvore alta e as flores mostram a riqueza de detalhes de como a criança vê a paisagem. Um olhar muito municioso está na cor da escola, que foi alterada recentemente, que a criança conseguiu identificar e descrever através da sua ilustração juntamente com o formato do telhado, que também é um aspecto típico das escolas municipais. Dessa forma, a paisagem:

[...] vai ganhando significados para aqueles que a constroem e nela vivem; as percepções que os indivíduos, grupos ou sociedades têm da paisagem em que se encontram e as relações singulares que com ela estabelecem. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico. (BRASIL, 1997, p. 27)

A escola é o lugar do convívio, de interação, de diálogos e o estudante consegue percebê-la como parte da sua realidade, como parte do que lhe pertence, que pode interferir diretamente na sua vida e que pode sofrer alterações, seja por causa de meios naturais seja por meio de ações antrópicas.

Figura 28 – Visão de paisagem do João



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

O estudante ilustrou na Figura 28 o bairro em que mora, é um desenho cheio de contrastes como qualquer realidade. Ao analisar o desenho, foi possível constatar que a criança trouxe o aspecto de um lugar violento, ao desenhar duas pessoas com armas e alguém pulando a cerca e, ao mesmo tempo, sinaliza que tem alguém cuidando de um jardim, molhando as plantas. Ilustra animais, nuvens. Um particularidade bem diferente é que o estudante apresenta todos os detalhes e aspectos de uma paisagem vivida, mas, ao desenhar o sol com um rosto, demonstra que ele ainda está em fase de apropriação e amadurecimento de conceitos e entendimento de que ele tem capacidade de buscar melhorias ou soluções para sanar problemas locais. Callai (2005, p. 244) menciona que:

[...] a capacidade de o aluno fazer a representação de um determinado espaço significa muito mais do que estar aprendendo geografia: pode ser um exercício que permitirá a construção do seu conhecimento para além da realidade que está sendo representada, e estimula o desenvolvimento da criatividade, o que, de resto, lhe é significativo para a própria vida e não apenas para aprender, simplesmente.

Isso que dizer que a criança se apropria de conhecimentos e argumentos para que possa identificar problemas e levantar os questionamentos, a fim de buscar a solução de problemas. Como por exemplo, no caso do estudante que ilustrou a Figura 28, que

conseguiu perceber os problemas locais. E agora, quais são suas atitudes? O que ele deve fazer, como deve fazer? Representar a paisagem é compreender o seu papel como cidadão atuante.

3.4.2.3 Paisagens humanizadas — outros lugares

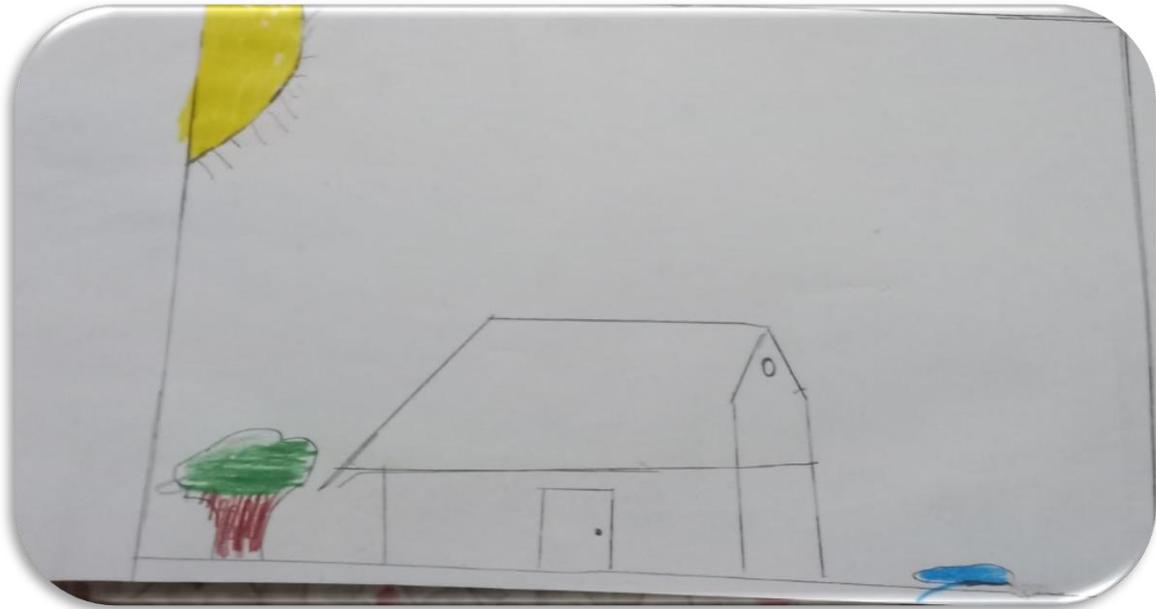
Figura 29 – Visão de paisagem da Laís



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Uma realidade de história de conto de fadas. Assim é a visão de paisagem demonstrada na Figura 29, pois a criança nomeou o título como paisagem humanizada, mas os aspectos são totalmente diferentes de um lugar de convivência habitual. Isso não quer dizer que esteja errado, isso porque cada um tem a sua visão de paisagem e até mesmo sua visão de mundo. A “paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual” (SANTOS, 2006, p. 82). Neste momento, a paisagem é a ilustrada com um castelo rosa, árvores, flor, arco-íris, nuvens, o sol e um gramado verde. Em suma, a paisagem é um lugar bonito. E imaginário.

Figura 30 – Visão de paisagem do Victor



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Uma residência, uma árvore, um sol e um pequeno lago. Assim é como o estudante percebe e vê a paisagem. Como se fosse uma realidade, vivida, mas, assim como em algumas outras imagens, uma paisagem construída sem a representação com as pessoas, somente do que elas construíram, como demonstrado na Figura 30: “A paisagem se deixa ver, mas, além do simples pitoresco na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece, o ser humano ao situar-se nela visualmente nela descobre as dimensões do seu ser” (BESSE, 2014, p. 96). Assim, a criança já percebe uma paisagem como parte de um processo histórico, mas ainda não se sente pertencente à ela.

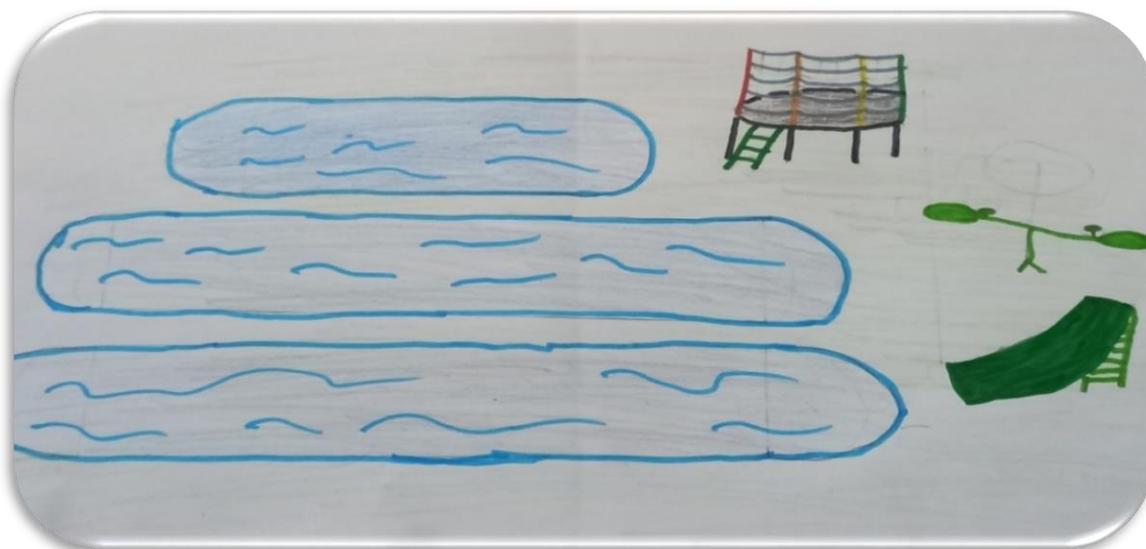
Figura 31 – Visão de paisagem do Antônio



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A Figura 31 traz elementos humanizados como as casas, a piscina, a bola e elementos naturais como as árvores, as flores, o sol (mesmo que tenha um rosto feliz) e muitas nuvens. O estudante tem uma visão de uma paisagem vivida, sentida, mesmo que ele não tenha se inserido nesse contexto. Assim, Panizza (2014 *apud* BESSE, 2014, p. 74) corrobora que “ao perceber uma paisagem o ser humano sofre diversas influências provenientes do afeto das expectativas dos valores culturais e da posição que caracteriza uma pessoa no tempo e no espaço de uma sociedade”.

Figura 32 – Visão de paisagem do Rafael



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A paisagem é algo concreto, pode ser vivenciada, assim é a visão de paisagem que o estudante ilustra na Figura 32, pois ele traz elementos de um espaço de diversão. As piscinas, o pula-pula, a gangorra, o escorregador demonstram uma paisagem de vivência da realidade de alegria e euforia. Pode ser algo que a criança não viva diariamente, mas que, ao se falar de paisagem, à sua mente vêm lembranças. Nesse aspecto pode-se dizer que:

a paisagem é o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica. O jardim, a rua, o conjunto de casas que temos à nossa frente, como simples pedestres. Uma fração mais extensa de espaço, que nossa vista alcança do alto de um edifício. (SANTOS, 2022, p. 85)

Figura 33 – Visão de paisagem José



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A paisagem ilustrada na Figura 33 remete ao campo, um sítio, apesar de não conter animais, traz consigo características campestres. Um campo largo, árvores frondosas com flores e frutos, morros ao fundo e uma residência isolada. O estudante vê a paisagem como se fosse um aspecto tranquilo daquilo que foi pouco transformado ou modificado, com um jeito rural: “Na percepção da paisagem, o sujeito não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza para lhes dar um sentido. A paisagem percebida é, portanto, também construída e simbólica” (OLIVEIRA, 2017, p. 166). Para

a criança o sentido dado é aquele que o deixa tranquilo ou que remete a um ambiente familiar.

Figura 34 – Visão de paisagem da Camila



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A paisagem retratada como a família feliz ao ar livre, em um dia ensolarado, o céu azul, uma árvore, mistura elementos naturais com humanizados e enfatiza aspectos com a realidade e romantismo. A Figura 34 traz uma visão de paisagem de uma realidade afetiva. A paisagem pode ser sentida e guarda memórias, vestígios e histórias de lugares e tempos diferentes (PANIZZA, 2014).

Figura 35 – Visão de paisagem da Alana



Fonte: Pesquisa de campo 2023

A criança descreveu na Figura 35 aspectos de uma paisagem natural bem marcantes como as árvores frondosas, verdes, altas, os pássaros voando, as flores, os arbustos e o sol, porém trouxe elemento que identifica a ação antrópica como o banco ao centro da imagem e a presença de uma pessoa sentada que possivelmente seja ela própria contemplando a paisagem. Para esta estudante a paisagem pode conter elementos humanizados, mas a sua visão é de que a paisagem é algo bonito.

Na leitura da paisagem, os aspectos qualitativos não identificam uma paisagem em seu conjunto. Mas com elementos em diferentes ou semelhantes, os elementos que a compõem. A presença de algum tipo de elemento revela informações sobre a composição e o tipo de paisagem. (PANIZZA, 2014, p. 57) .

Assim, a paisagem descrita é mesclada, não é totalmente humanizada ou totalmente natural, até porque, atualmente é difícil encontrar uma paisagem totalmente natural.

Figura 36 – Visão de paisagem de Carlos



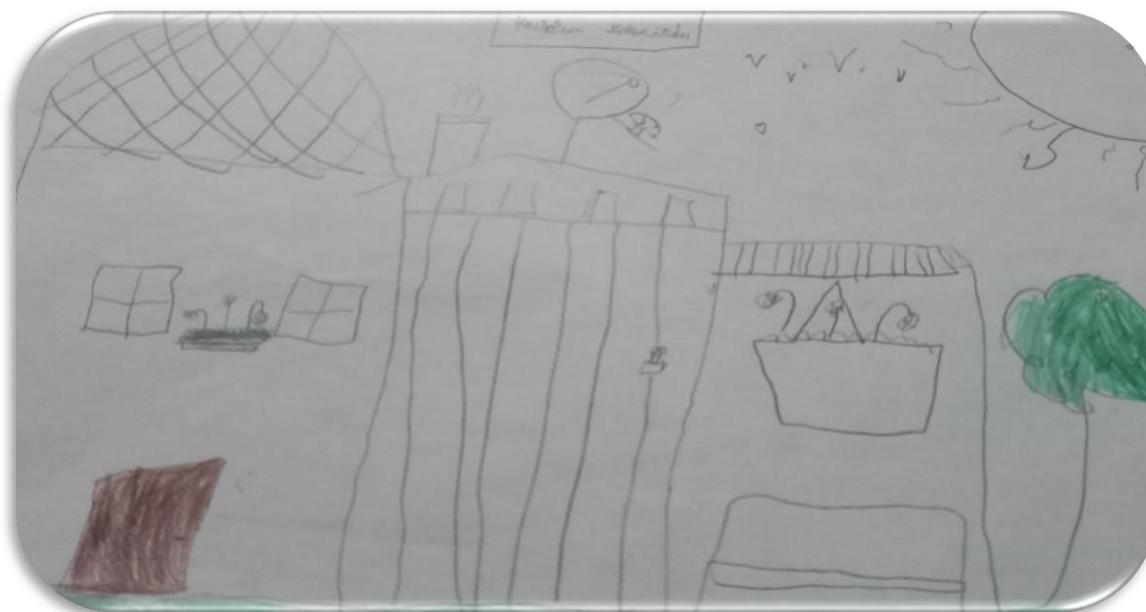
Fonte: Pesquisa de campo 2023

A visão que a criança tem sobre paisagem pode ser entendida como:

[...] uma categoria para interpretar a parte da fusão da sociedade como a natureza e suas conseqüências nos territórios nos lugares e nas vidas das pessoas. Muito embora ela seja frequentemente confundida ou sintonizada com meio ambiente ou natureza, a paisagem é uma peça, uma das peças que acompanha o jogo da interpretação do conjunto de transformações e produzem uma nova sociedade e uma nova interpretação da natureza. (SOUZA, 2018, posição 137)

Essa descrição se dá, pois o estudante ilustra na Figura 36 um ambiente humanizado, com ações tipicamente humanas, casas, trânsito, avenidas, iluminação. Além desses aspectos, ilustrou elementos naturais como as árvores. É uma criança que consegue fazer uma leitura ampla da paisagem.

Figura 37 – Visão de paisagem do Alberto



Fonte: Pesquisa de campo 2023

Existem várias definições e interpretações sobre a paisagem, pois cada indivíduo terá uma percepção diferente, ainda que estejam em posição idêntica, a observar e analisar a mesma paisagem: “Os propósitos do observador contribuem significativamente na determinação de suas preferências por lugares” (OLIVEIRA, 2017, p. 167). Assim, a Figura 37 demonstra que a visão que o estudante tem da paisagem é aquela vivida, sentida. Ele detalhou a paisagem humanizada, com casas. Alguns aspectos de elementos naturais como o sol, árvores. Vale ressaltar que ele ilustra floreiras nas janelas das casas, evidenciando um ar de cuidado. Nota-se que a visão não é romantizada, pois a criança já consegue observar e detalhar aspectos reais da paisagem.

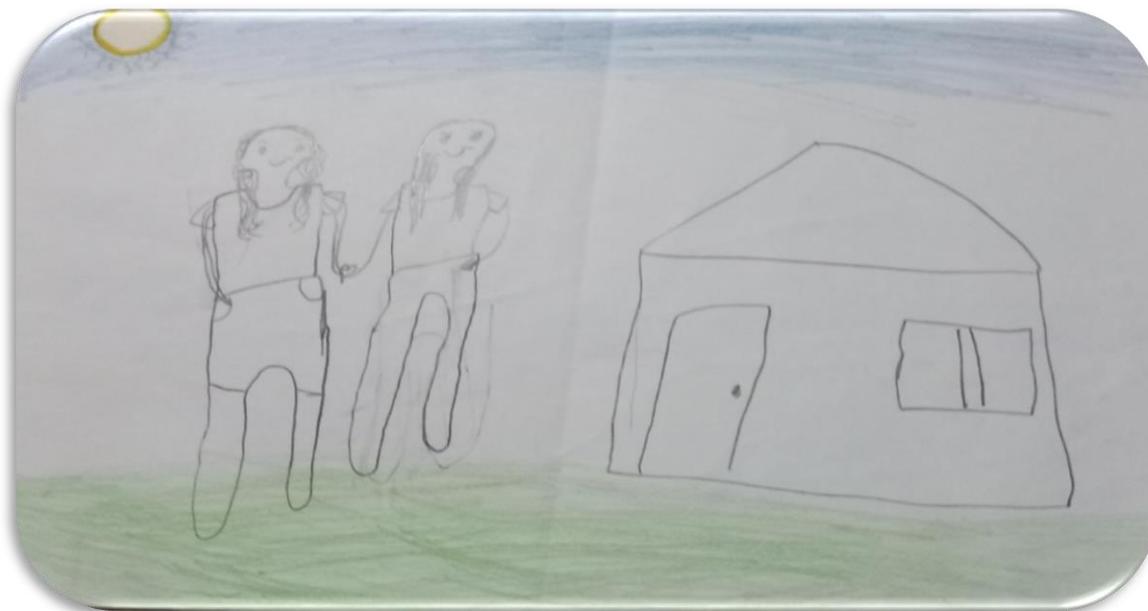
Figura 38 – Visão de paisagem da Juliana



Fonte: Pesquisa de campo 2023

Elementos humanizados e naturais formam as características de como o estudante vê a paisagem na Figura 38. A ilustração de uma casa, do sol, grandes árvores e de uma pessoa demonstram que a visão de paisagem que a criança tem é aquela que “fornece uma experiência exterior, uma experiência do sujeito face ao mundo” como menciona Panizza (*apud* BESSE, 2014, p. 136). Na imagem, é a visão e a percepção do espaço vivido o que demonstra que não é uma visão romantizada da paisagem. O sol deste desenho já é aquele em formato mais real, sem o rostinho, que traz um aspecto mais sério, do que é visto realmente.

Figura 39 – Visão de paisagem da Luana



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A leitura da paisagem depende de quem a observa, vivencia, analisa. Para o estudante que ilustrou a Figura 39, a paisagem é aquela trazida, conforme Cavalcanti (2016, posição 1971):

[...] como primeira aproximação do lugar, chave inicial para aprender diversas determinações desse lugar. A partir daí, a análise poderia se encaminhar para o entendimento do espaço geográfico por meio de sucessivas aproximações do real.

Esse aspecto se configura, pois a criança traz em seu desenho aspectos simples e reais, a casa e as pessoas felizes. O sol sem traços romantizados, pessoas com rostinhos felizes e um céu azul. Uma paisagem de poucos detalhes, mas muito real, muito próximo do concreto.

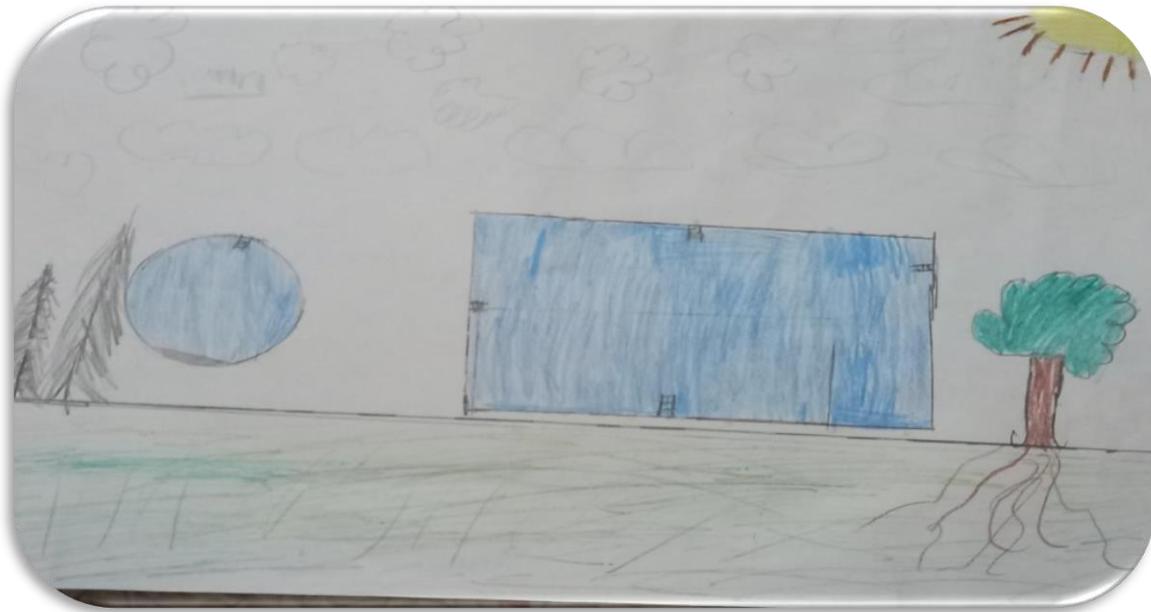
Figura 40 – Visão de paisagem do Isaque



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A Figura 40 ilustra uma visão romantizada de paisagem, cujo aspectos contam com bastantes elementos naturais como a cachoeira, nuvens, sol, flores com frutos, árvores, pedras e apenas uma escada que remete a uma paisagem humanizada, mas esses elementos podem se misturar num ambiente, como já foi mencionado anteriormente. A criança vê a paisagem como algo a ser contemplada, apreciada, é a natureza. Souza (2018) menciona que a paisagem desponta do contato que se tem com o horizonte, pois é a linha, a divisa entre o que está próximo e relativamente distante, como a compreensão do mundo vivido.

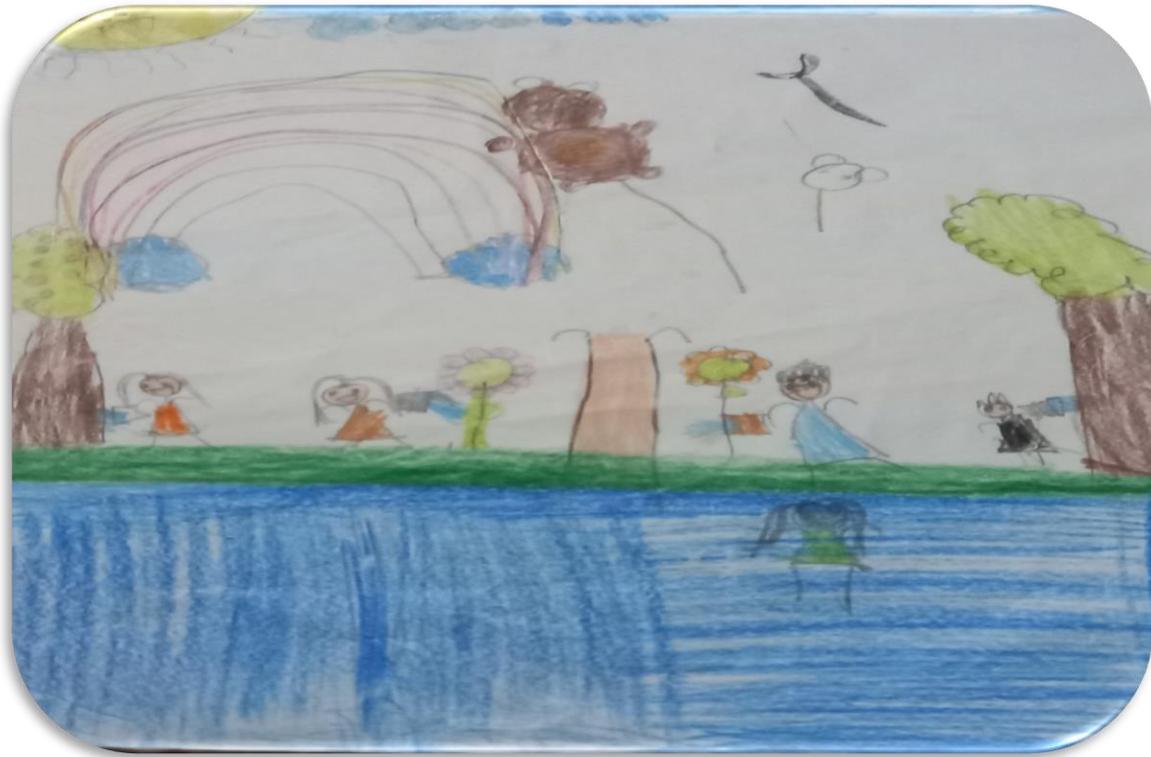
Figura 41 – Visão de paisagem Moisés



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

A paisagem ilustrada na Figura 41 traz aspectos naturais como árvores com raízes longas, o sol radiante, muitas nuvens e também elementos humanizados como as piscinas. O estudante desenhou duas piscinas em formatos diferentes, características das que estão presentes em clubes. Assim, “ele tem sua própria relação com o mundo em que vive e, conseqüentemente, tem uma visão muito particular dos lugares e espaços” (CALLAI, 2011, p. 304). A sua visão sobre paisagem é aquela do ambiente, do meio em que ele gosta de estar, é o local que o faz feliz, com elementos humanizados e naturais.

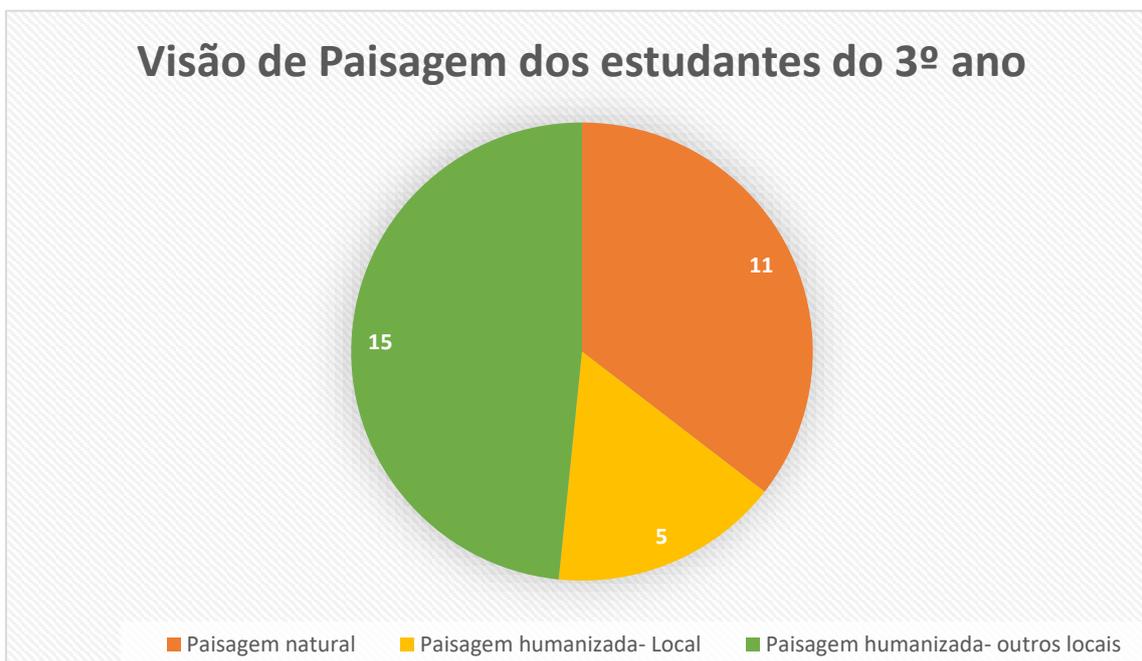
Figura 42 – Visão de paisagem da Ester



Fonte: Pesquisa de campo 2023

Aprender sobre a paisagem leva o estudante a desenvolver maior conscientização do mundo ao seu redor, como está ilustrada na Figura 42 na qual pode-se observar as pessoas cuidando das plantas. O estudante consegue ver e descrever a paisagem como um cuidado com o meio em que o cerca, cuidado com os recursos naturais. Descreve a paisagem como aquilo que deve ser cuidado por todos. Para a criança a paisagem “está na realidade das coisas, isto é, na relação existencial que temos com nosso ambiente” (BERQUE, 2009, p. 3). Isso contribui para a formação de cidadãos responsáveis e mais comprometidos com a preservação ambiental.

Em síntese, o Gráfico 2 mostra a quantidade de desenhos referentes a cada grupo:

Gráfico 2 – Visão de paisagem dos estudantes

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

Existem vários conceitos sobre o termo paisagem e na escolarização é fundamental que este conceito seja introduzido com aparência ou vista de algum lugar e relacionado às próprias experiências dos estudantes. Sabe-se que a paisagem não é estática, pois ela sofre inferências de diversos fatores como chuvas, ventos, sol, ações antrópicas e isso forma a sua dinâmica. Kaercher (1996) afirma que a Geografia é feita diariamente e o seu principal objetivo é compreender a vida de cada um de nós, desvendando os sentidos, os porquês das paisagens em que vivemos e vemos serem como são.

Após analisar os desenhos, foi possível perceber que das 31 crianças, 11 delas veem a paisagem como algo belo, bonito, romantizado, como mostra o Gráfico 2. Apresentam desenhos que não condizem com a realidade vivida, apenas elementos naturais, isso não quer dizer que estejam errados, pois cada um vê e percebe a paisagem de uma forma. Mas, é importante destacar que não se tem a noção do lugar para relatar a paisagem. De acordo com os PCNS:

Pensar sobre essas noções de espaço pressupõe considerar a compreensão subjetiva da paisagem como lugar, o que significa dizer: a paisagem ganhando significados para aqueles que a constroem e nela vivem; as percepções que os indivíduos, grupos ou sociedades têm da paisagem em que se encontram e as relações singulares que com ela estabelecem. (BRASIL, 1997, p. 27)

Ainda referente ao Gráfico 2, nota-se que 15 estudantes retrataram a paisagem como um lugar qualquer, ou um lugar que conhece, já viu, também não relacionado ao lugar de vivência. Ilustraram paisagens humanizadas, por vezes não se integrando ao meio, ou seja, não se sentindo pertencente àquela paisagem.

Panizza (2014) afirma que, desde os anos iniciais do ensino fundamental, os alunos conseguem identificar que se encontra na paisagem diversas coisas que são formadas por cores, tamanhos e formatos e complementa, ainda, que “a paisagem é uma experiência vivida no plano da sensibilidade porque os elementos naturais e tantos outros aspectos materiais do mundo tocam nossos sentidos e emoções” (p. 74).

Por fim, no Gráfico 2 percebe-se que apenas cinco estudantes têm a visão de paisagem sendo a local, a vivida. É um número relativamente baixo, porém traz uma perspectiva de que eles vivenciam e constroem a paisagem. Evidenciam elementos preconizados nos PCNS, “com percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico” (BRASIL, 1997, p. 27). A interpretação da paisagem depende muito dos elementos culturais que são visíveis ou invisíveis, dessa forma, a visão que cada um terá sobre ela estará além do que é visível.

Descrever, analisar e interpretar uma paisagem depende, consideravelmente, de quem está analisando. Para as crianças, essa leitura baseia-se no seu “lugar de vivência e sentimento de pertencer a um território e a sua paisagem significa fazer deles o seu lugar de vida e estabelecer uma identidade com eles” (BRASIL, 1997, p. 29). Assim, o seu ensino deve ser pautado em descobertas, análises, observações, vivências que, como preconizado por Panizza (2014, p. 82), “os conteúdos da Geografia escolar e, particularmente, do estudo da paisagem podem auxiliar o professor na criação de uma atmosfera favorável à curiosidade e às descobertas do mundo que está ao redor dos alunos”.

Os PCNs sugerem que o ensino do conceito de paisagem tenha por base o lugar de vivência do estudante e Panizza (2014) colabora que é importante começar com a paisagem local, pois é aquela que está na visão dos alunos.

Em suma, diante das análises realizadas, fica evidente que a compreensão da paisagem como um conceito contextualizado e dinâmico é fundamental para o desenvolvimento do pensamento espacial dos estudantes. Embora muitos alunos tenham uma percepção limitada do que é a paisagem, é relevante observar que alguns apresentaram uma visão mais integrada e localizada da paisagem. Sendo assim, é

essencial que o ensino do conceito de paisagem seja fundamentado nas experiências e vivências dos alunos, proporcionando oportunidades para descobertas, análises e observações do mundo ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação geográfica é necessária para fazer com que os estudantes sejam capazes de tornar a aprendizagem significativa, ou seja, o ensino da Geografia deve estar voltado para o significado do que se aprende na escola e tenha relação com o cotidiano. Com esse pensamento, volta-se a considerar as reflexões apresentadas e a relação entre o homem e a terra, que sempre foi objeto de interesse e questionamento ao longo da história. Nos tempos atuais, esse interesse persiste, alimentado pela curiosidade em compreender as transformações do espaço e suas implicações no cotidiano, ou seja, da paisagem.

Nesse contexto, essa pesquisa apresentou reflexões sobre a educação geográfica e o seu papel na formação cidadã e, para isso, a análise do espaço geográfico pautado em categorias, determinado aqui como o estudo da paisagem.

Este estudo buscou responder à pergunta: como se dá a construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia para alunos do 3º ano do ensino fundamental?

Para analisar como os estudantes compreendem o conceito paisagem, discutimos como a paisagem local se formou, já que o ensino do conceito de paisagem está atrelado ao lugar, ou seja, o local de vivência do estudante. Notou-se que o município de Luziânia–GO carrega em sua paisagem processos de colonizações e trabalhos escravos. É uma cidade antiga, com muitas transformações na paisagem. Em relação ao Distrito do Jardim Ingá, conclui-se que há poucos registros históricos por ser um distrito novo, com muitas transformações.

Assim, conclui-se que a paisagem, como conceito e objeto de ensino é abordada de diversas maneiras por autores nas diferentes concepções. A evolução semântica e linguística do termo “paisagem”, a relação entre paisagem e território, paisagem e lugar, e a percepção da paisagem ao longo da história humana são temas centrais na Geografia. Outro ponto que se destaca é a importância da visão humana na percepção e na relação com o espaço socialmente construído .

Em relação ao ensino da Geografia, o maior objetivo está no desenvolvimento da consciência espacial e crítica dos estudantes, isso porque, com a análise geográfica e percepção do mundo em que se vive, o ensino deve promover uma compreensão profunda da localização e da espacialidade dos fenômenos. O ensino da Geografia tradicional ainda está presente, porém como alguns autores como Callai enfatiza a importância do ensino de Geografia desde os anos iniciais do ensino fundamental, pois desde cedo os estudantes devem aprender a ler e interpretar o mundo, analisar fenômenos em suas dimensões

geográficas e entenderem o papel do espaço nas práticas sociais. Além disso, outros autores também enfatizam sobre a importância de que o ensino da Geografia não seja apenas memorização de conceitos e sim, na abordagem que promova a análise, a interpretação e a reflexão crítica sobre o mundo geográfico.

Quanto à pesquisa de campo, foi possível concluir que o processo de ensino e aprendizagem está além do método utilizado pelo professor, pois na sala de aula existem interferências que não podem ser previstas e que por certo momento atrapalham o andamento da aula, da explicação dos conteúdos. O professor assume o papel de mediador, pois instigava os alunos, questionava e tentava levar reflexões sobre os temas estudando, tentando integrar os conteúdos à realidade dos estudantes. Em relação aos recursos, percebeu-se que o livro didático, como afirmam alguns autores, é a maior ferramenta em sala de aula, pois o professor recorre a ele na maior parte do tempo.

Na entrevista, o docente da turma de 3º ano pode demonstrar domínio sobre o conceito de paisagem e que tem uma percepção de que é feita por processos de transformação

Destaca-se, ainda, que o seu conhecimento sobre Geografia, paisagem ou outro tema se deu por vontade própria, pois não teve formação continuada que abordasse esses conteúdos.

Ainda na pesquisa de campo, realizou-se a atividade com os estudantes — um desenho que retratasse o que eles entendiam sobre paisagem. As crianças fizeram ilustrações de diversas paisagem locais, com a presença deles, ou imaginárias.

Foi possível compreender que o ensino da Geografia e da paisagem requer instrumentos essenciais para que seja alcançado o pensamento espacial, o saber geográfico, a formação cidadã evidenciada pelos autores, isso porque nota-se que na realidade escolar os professores precisam de suporte, de formações e recursos didáticos suficientes que agreguem à produção do conhecimento. A paisagem tratada na escola, especialmente no 3º do ensino fundamental, ainda é superficial, engloba pouca coisa do cotidiano da criança e, além disso, há pouco diálogo entre o Currículo do município e o livro didático, como foi demonstrado na pesquisa de campo.

Em relação aos desenhos dos estudantes, notou-se que poucos retratam a realidade vivida, poucos entendem o processo de transformação que forma a paisagem. A paisagem local precisa ser evidenciada para que haja uma compreensão maior do

mundo em volta dos estudantes. E isso se faz com uma boa aula de Geografia, com bons questionamentos e reflexões. Os estudantes retrataram paisagens distantes, o que reflete que ainda não conseguiram adquirir o pensamento geográfico. A paisagem é um processo dinâmico que, ao ser percebida e compreendida, leva-se a noção de pensamento espacial, visto que há maior interação do indivíduo com o meio em que vive.

Em suma, a paisagem como conceito deve ser abordado em todo o processo educacional, pois a paisagem é transformação, não é estática. Sendo assim, para as próximas pesquisas, sugere-se que se faça a relação do ensino da paisagem num período maior de tempo, no objetivo de acompanhar o desenvolvimento do estudante por todo o ensino fundamental I, fundamental II e ensino médio, pois, o período de um ano é curto para entender os processos dinâmicos que ocorrem na paisagem local e mundial.

REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ABONDANZA VITIELLO, Márcio. Quem escreve o livro didático de geografia? **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 461–474, 2020. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/703>. Acesso em: 11 de janeiro de 2023.
- ARAÚJO, Raimundo Lenilde *et al.* (Orgs.). **Formação docente, ensino de geografia e o livro didático**. Sobral, CE: Sertão Cult, 2021. Disponível em: <https://repositorio.editorasertaocult.com.br/index.php/omp/catalog/download/93>. Acesso em: 25 de janeiro de 2024.
- ARPDF. Arquivo Público do Distrito Federal – Governo do Distrito Federal. **Casa de Cultura de Luziânia**. Disponível em: <https://www.arpdf.df.gov.br/casa-de-cultura-de-luziania/>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. A Base Nacional Comum Curricular e a produção de práticas pedagógicas para a geografia escolar: desdobramentos na formação docente. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 173–197, 2020. Disponível em: DOI: 10.46789/edugeo.v10i19.915. Acesso em 18 de dezembro de 2023
- BARBOSA, Liriane Gonçalves; GONÇALVES, Diogo Laercio. A paisagem em geografia: diferentes escolas e abordagens. **Élisée, Rev. Geo. UEG – Anápolis**, v.3, n.2, p. 92–110, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3122>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.
- BERQUE, Augustin. Des eaux de la montagne au paysage. **Conférence à la Maison Franco Japonaise**, le 24 septembre 2009 (Working paper – Série C: Conférences, p. 1–8). Disponível em: <https://www.mfj.gr.jp/web/wp/WP-C-15-IRMFJ-Berque-09-24.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- BERQUE, Augustin. **Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle**. In: *L’espace géographique*, v. 13, n. 1, p. 33–34, janvier/mars 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44379854>. Acesso em: 14 de set de 2023.
- BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **RAEGA – O espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, n. 8, p. 141–152, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389/2718>. Acesso em: 22 de setembro de 2023 .
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução: Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRITTO, Vinícius Britto. IBGE atualiza lista de municípios, distritos e subdistritos municipais do país. **Agência IBGE Notícias**. 13/04/2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36441-ibge-atualiza-lista-de-municipios-distritos-e-subdistritos-municipais-do-pais>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CALLAI, Helena Copetti (org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí-Rs: Unijuí, 2011.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, [s.l.], v. 25, n. 66, p. 227–247, ago. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622005000200006>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023 .

CALLAI, Helena Copetti. Na Geografia, a paisagem, o estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XXVI, n. 1, p. 59–68, jan./dez. 2020. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxi_v_1-04.pdf. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

CALLAI, Helena Copetti; OLIVEIRA, Tarcisio Dorn de; DEON, Alana Rigo (Orgs.). **A cidade como lugar/espço para o ensino e aprendizagem**. Curitiba: CRV, 2021. (Coleção: cidade: conhecer e interpretar para compreender o mundo da vida, v. 3).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2005.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo de; LEITE, Cristina Maria Costa. Abordagem do lugar no livro didático de geografia do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Cerrados**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 125–140, 18 mar. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22238/rc24482692v14n22016p125a140>. 03 de julho de 2022.

CASTELLAR, Sônia. **Educação geográfica: teoria e práticas docentes**. 3.ed. 5. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage, 2022. (Coleção Ideias em Ação/ coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho)

CAVALCANTI, Lana de Souza. (Org.). **Temas da Geografia na escola básica**. São Paulo: Papirus, 2013.

CARVALHO, Silvia Méri. CAVICCHIOLI, Maria Angélica Bizari. CUNHA, Fábio César Alves da. Paisagem: evolução conceitual, métodos de abordagem e categoria de análise da geografia. *Revista Formação (Online)*, Presidente Prudente – São Paulo, v.2, n.9, (2002)

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais – Belo Horizonte**, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2016. *E-book*.

CODEPLAN. Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios – PMAD – 2017/2018 – Luziânia**. Brasília, julho de 2021. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/PMAD_2018-Luziania.pdf. Acesso em: nov. 2023.

COPATTI, Carina. **Geografia(s), professor(res) e a construção do Pensamento Pedagógico-Geográfico**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

DEON, Aana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Educação em Análise**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 79–101, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/40186>. Acesso em: 19 jun. 2024.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti; OLIVEIRA, Tarcisio Dorn de (Orgs.). **A cidade como lugar/espaço para o ensino e aprendizagem coleção cidade**. Curitiba: CRV, 2021. (Coleção Cidade: conhecer e interpretar para compreender o mundo da vida. V. III).

FARIAS, Ricardo Chaves de. **Trabalho de Campo Em Unidade Territorial de Aprendizagem**: possibilidade para o ensino de cidade na geografia escolar. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. **A evolução do pensamento geográfico**. 6. ed. Lisboa: Grádiva, 1990.

FONSECA, Raquel. Alves. **Uso do Google Mapas como recurso didático para mapeamento do espaço local por crianças do Ensino Fundamental da cidade de Ouro Fino/MG**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 2011.

FULLAN, Michael; HARGREAVES, Andy. **A escola como organização aprendente**. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.

FURQUIM, Júnior Laercio. **A conquista: geografia: 3º ano: ensino fundamental: anos iniciais**. São Paulo: FTD, 2021.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. IBGE: Rio de Janeiro, 1958. V. XXXVI.

JORNAL Democrático. **História do Jardim Ingá**: Avenida Comercial em desenvolvimento. 13/10/2023 às 16h07. Disponível em: <https://jornaldemocratico.com.br/noticia/304/historia-do-jardim-do-inga-avenida-comercial-em-desenvolvimento>. Acesso em: 22 nov. 2023.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia é nosso dia-a-dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, p. 109–116, ago. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38639/26361>. Acesso em: 6 mar. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O Lugar e a Construção da Identidade**: os significados construídos por professores de geografia do ensino fundamental. 2012. 222 f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água. 1983.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco; BOGOSSIAN, Thiago. **Por uma cartografia com crianças**: a Geografia nas creches e na Educação Infantil. In: (Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas. Curitiba: CRV, 2013, p. 69-83.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUZIÂNIA. **Currículo Contínuo**. Conselho Municipal de Educação de Luziânia–GO, 2021/2022. Disponível em: <https://educacao.luziania.go.gov.br/professor/vfm/uploads/Divisao-de-Ensino-Fundamental/Curr%C3%ADculo-2022/2022-CURR%C3%8DCULO-FUNDAMENTAL.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, Mario Osorio. **A formação do profissional da educação**. Ijuí (RS): Unijui, 1992.

MARTINS JUNIOR, Luiz. **Tecnologia da informação e comunicação no ensino de geografia**. Indaial: UNIASSELVI, 2017.

MARTINS JUNIOR, Luiz; MARTINS, Rosa Elisabete M. W. Uma experiência de formação continuada de professores/as de Geografia com o uso das tecnologias digitais. **Revista Pedagógica**, [S. l.], v. 23, p. 1–23, 2021. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5576>. Acesso em: 13 de setembro e 2023.

MARTINS, Alline. Secretaria de Saúde do Distrito Federal. **Um terço dos pacientes recebidos na rede pública de saúde do DF é do Entorno**: ginecologia, obstetrícia e pediatria ficam com a maior parte dos atendimentos. 05/04/2019. Disponível em: <https://www.saude.df.gov.br/web/guest/w/um-terco-dos-pacientes-recebidos-na-rede-publica-de-saude-do-df-e-do-entorno>. Acesso em: 2 dez. 2023.

MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. Raega — O Espaço Geográfico em Análise, [s.l.], v. 8, dez. 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

MELO, Vera Mayrink. Paisagem e simbolismo. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001. p. 29–48.

MONTENEGRO, Eduardo. **Avaliação do livro didático**: critérios para a seleção de uma obra de qualidade. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 22, n. 1, p. 28–41, Jan./Mar. 2008. Disponível em: [acresça endereço eletrônico](#).

MORAES, Antônio Carlos Robert. Renovação da Geografia e Filosofia da Educação. In: OLIVEIRA, A. U.; et.al (orgs.) **Para onde vai o ensino da geografia?** São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Diana Nara da Silva *et al.* Training and teaching practice of teachers in Geography education. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 9, p. e12511931665, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/31665>. Acesso em: 30 abr. 2024.

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

ONG de Luziânia reivindica reforma e gestão de praça abandonada no centro da cidade. Praça Evangelino Meireles — Centro de Luziânia. Quinta-feira, 7 de julho de 2016. **Blog ong: protegerlza**. Disponível em: https://ong-protegerlza.blogspot.com/2016/07/ong-de-luziania-revindica-reforma-e_88.html. Acesso em: 04 de janeiro de 2024

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Paisagem: síntese das heranças da sociedade com o espaço. **UNIVESP**, p. 51–59, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47177/1/u1_d22_v9_t04.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

PADILHA, Heloísa. A representação do espaço através do desenho. **Blog da Psicologia da Educação**. 1990. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/a-representacao-do-espaco-atraves-do-desenho/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

PANIZZA, Andrea de Castro. **Como eu ensino Paisagem**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

PEREIRA, Célia Ceschin Silva; SILVA, Maryahn Koehler. Grafismo infantil: leitura e desenvolvimento. **UNIVESP**, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/449>. Acesso em: 16 jun. 2023.

PERTO da Capital Federal e sob as bênçãos de Santa Luzia: Igreja Matriz. **Diocese de Luziânia**. Disponível em: <https://diocesedeluziania.blogspot.com/2010/12/perto-da-capital-federal-e-sob-as.html>. Acesso em: 04 de jan de 2024

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REISMATEUS. **Luziânia — Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário**. IPatrimônio — Patrimônio Cultural Brasileiro. <https://www.ipatrimonio.org/luziania-igreja-matriz->

nossa-senhora-do-rosario/#!/map=38329&loc=-16.24736814525488,-47.94748334101396,17.

RIBEIRO, Henrique César Melo. Bibliometria: quinze anos de análise da produção acadêmica em periódicos brasileiros. **Biblios Journal Of Librarianship And Information Science**, [S.L.], n. 69, p. 1–20, 18 jan. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1562-47302017000400001&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 16 de julho de 2022

RICHTER, Denis; MARIN, Fátima Aparecida Dias Gomes; DECANINI, Mônica Modesta Santos. Ensino de Geografia, Espaço e Linguagem Cartográfica. **Mercator**, [S.L.], v. 9, n. 20, p. 163–178, 30 dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4215/rm2010.0920.0011>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024

ROSANGELA. Portal de entrada do distrito do Jardim Ingá é inaugurado. **Jornal O Despertar**. 20 de dezembro de 2022. <https://jornalodespertar.com.br/portal-de-entrada-do-distrito-do-jardim-inga-e-inaugurado/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

SANTOS, Márcio Pereira. **O Espaço humanizado, a Paisagem humanizada e algumas flexões sobre a paisagem em São Paulo na primeira metade do século XIX**. 2006a. 234 f. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, São Paulo, 2006.

SANTOS, . 1998. SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2022.

SCHIER, Raul Alfredo. TRAJETÓRIAS DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA. **RAEGA — O espaço geográfico em análise**, Curitiba, n. 7, p. 79–85, jul. 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353/2689>. Acesso em: 20 de março de 2024

SILVA, Alcinéia de Souza. **As contribuições de tempos, espaços e práticas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de Geografia em um CEPI de Formosa–Goiás: diálogos com a reforma do ensino médio**. 2022. 292 f. Tese (Doutorado) — Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SILVA, Felipe Cláudio Ribeiro da. **Luziânia, Plano Diretor e inserção metropolitana**. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado) — Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SILVA, Lair Miguel da; SAMPAIO, Adriany de Avila Melo. Livros didáticos de geografia: uma análise sobre o que é produzido para os anos iniciais do ensino fundamental. **Caminhos da Geografia**. Uberlândia, v. 15 n. 52, p. 173–185, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/26355>. Acesso em: 13 de janeiro de 2024.

SILVA, Patrícia Assis da. Pensamento espacial e raciocínio geográfico: aproximações e distanciamentos. **Revista Signos Geográficos**, [S.L.], v. 4, p. 1–13, 29 nov. 2022. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/signos.v4.73869>. Acesso em: 13 de setembro de 2023.

SILVA, Tomaz. Tadeu. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. –3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Reginaldo José de (Org.). **Paisagem e Socionatureza**: Olhares geográfico-filosóficos. Chapecó: UFFS, 2018. *E-book*.

THEVES, Denise Wildner; KAERCHER, Nestor André. A Geografia nos anos iniciais: olhando longe para ver mais, chegando perto para ver melhor. **Ensino em Re-Vista**, [S.L.], v. 29, p. 25–29, jun. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/er-v29a2022-25>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 369–379, ago. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-19652002000200016>. Acesso em: 08 de dezembro de 2022.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criatividade na infância**. Ensaio de Psicologia, Lisboa–Portugal: Dinalivros, 2012.

VITIELLO, Márcio Abondanza; CACETE, Núria Hanglei. Currículo, poder e a política do livro didático de geografia no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 26, p. 1–21, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8Hj73XPXZH3G3SgFLdzZxfN/#>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2000.

GRUPO Luziania: A história Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1238975479790197&set=pcb.1238975583123520>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

APÊNDICE A — Roteiro para elaboração das observações em sala de aula



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO PARA A OBSERVAÇÃO DIRETA EM SALA DE AULA

Observação direta em sala de aula com o objetivo de identificar:

- a) alguma concepção de ensino foi observada nas aulas de Geografia?
- b) O professor abordou o tema paisagem? De que maneira?
- c) Quais as metodologias utilizadas pelo professor?
- d) Que recursos são utilizados, no decorrer da aula?
- e) Como é a relação professor- aluno?
- f) Os alunos interagem com as aulas? São participativos?
- g) Há interesse dos estudantes nos conteúdos de Geografia?

APÊNDICE B — Roteiro para a entrevista semi-estruturada



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
 DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM O(A) PROFESSOR(A)

1. INFORMAÇÕES PESSOAIS DO(A) PROFESSOR(A) PARTICIPANTE

Pseudônimo: _____ Cidade: _____

Qual idade? ____

Tempo de atuação profissional nos Anos Iniciais: _____

Há quanto tempo é professor da Rede Municipal de Ensino de Luziânia-
 GO? _____

2. QUANTO À FORMAÇÃO ACADÊMICA

Sua graduação é em Pedagogia? Se outra, qual? _____

Qual o seu nível de Pós-Graduação (especialização, mestrado ou doutorado)?

3. QUANTO À PRÁTICA PEDAGÓGICA DO DOCENTE

Qual o papel da Geografia na vida da criança dos anos iniciais? Fale sobre isso

Considera que o ensino da Geografia tem alcançado o objetivo de formação do
 pensamento espacial nos estudantes?

O que você entende por paisagem?

Você trabalha a questão da transformação com as crianças (Porque a paisagem é um processo histórico, ela tem uma história, seja natural ou não. Até porque a natural, também é transformada)

Você acha que eles entendem que tudo é um processo de transformação?

Como introduz o conceito de paisagem em suas aulas?

Quais as estratégias que você utiliza para ensinar sobre a Paisagem?

Quais recursos didáticos você utiliza para tornar o ensino da paisagem mais atraente para os alunos?

Quais as dificuldades você encontra ou já encontrou ao ensinar a paisagem?

Você explica para os alunos sobre a paisagem local do município de Luziânia? Ou aborda a paisagem de maneira geral?

Você acha que os alunos consideram a paisagem de Luziânia ou de Brasília?

Como você acha que o ensino da paisagem pode contribuir para a formação do pensamento espacial dos estudantes?

Você já teve alguma formação continuada sobre o ensino da paisagem nos anos iniciais?

Você considera que o currículo abrange os conteúdos necessários para alcançar a construção do pensamento geográfico do estudante?

Há algo que você queira acrescentar?_____
